



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
RAFAEL DOS SANTOS**

**PATERNIDADE ADOLESCENTE:
UM ESTUDO DE CASO**

**PALHOÇA
2009**

RAFAEL DOS SANTOS

**PATERNIDADE ADOLESCENTE:
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Psicólogo.

Orientador Prof. Zuleica Pretto, Msc em Psicologia

**PALHOÇA
2009**

“Todo momento a uma lição a ser aprendida. Aprenda a ouvir.”

Shinsei

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por toda a paciência e bom humor que tiveram durante a minha criação.

Aos meus amigos por terem ajudado a aliviar o estresse durante a faculdade.

Aos colegas que contribuíram para tornar o ambiente acadêmico um local de diversão e conhecimento.

A minha orientadora professora Zuleica, por ter uma paciência e tolerância admiráveis comigo e com os meus colegas durante esse um ano de orientação, e pela doçura na forma de transmitir o conhecimento.

Ao professor Leandro que sempre foi um espelho de profissionalismo e que as muitas “provocações acadêmicas” me auxiliarem a crescer como profissional e pessoa.

A Fabíola, por aceitar ser parte da minha banca mesmo não estando ligada a UNISUL, seu ponto de vista crítico foi essencial para o desenvolvimento do meu trabalho e os seus elogios foram inspiradores para aqueles momentos em que eu queria jogar esse TCC pela janela.

RESUMO

Segundo discussões realizadas no Seminário de Gravidez na Adolescência, realizado em 1998 no Rio de Janeiro, a sociedade assim como a literatura científica, considera a paternidade e a maternidade na adolescência indesejável, pois geram conseqüências negativas na vida do adolescente. As dificuldades que os adolescentes encontram para assumir suas responsabilidades como pais, são muitas vezes criadas ou reforçadas pelas próprias instituições sociais e pelas famílias que acabam dificultando que o pai adolescente assuma a postura desejada e esperada em relação a seu filho. É necessário compreender os sentimentos, expectativas, percepções, vivências e anseios desses adolescentes que estão vivenciando a paternidade, pois é preciso definir de maneira clara quais são as conseqüências e as variáveis envolvidas no processo da paternidade adolescente, pois a compreensão desses elementos auxiliara psicólogos, educadores, profissionais da saúde e pais, a lidarem com a condição da paternidade adolescente. O presente trabalho é um estudo de caso que visa compreender a percepção de um homem que foi pai durante a adolescência sobre diversos aspectos da sua condição de pai, como o que significa ser pai, como foi a sua educação sexual e suporte dado pela família e pelo SUS (sistema único de saúde) durante e depois da gestação. Esse estudo de caso se pauta no Existencialismo Sartreano para compreender como as diversas vivencias desse sujeito se articulam na construção da sua subjetividade.

Palavras Chaves: homem, adolescência, gravidez, paternidade, SUS.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
1.1 PROBLEMÁTICA	08
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 OBJETIVO GERAL	12
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
1.3 JUSTIFICATIVA	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 GÊNERO	16
2.2 ADOLESCÊNCIA	19
2.3 SEXUALIDADE	21
2.4 PATERNIDADE	23
2.5 CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	24
2.6 APOIO FAMILIAR	26
3 MÉTODO	28
3.1 TIPO DE PESQUISA	28
3.2 PARTICIPANTE	28
3.3 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS	29
3.4 SITUAÇÃO AMBIENTE	29
3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	29
3.6 PROCEDIMENTOS	30
3.6.1 De seleção do participante	30
3.6.2 De contato com os participantes	31
3.6.3 De coleta e registro dos dados	31
3.6.4 De organização, tratamento e análise de dados	32
4 ANÁLISE, DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	33
4.1 CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE E A PATERNIDADE	33
4.2 ESTRUTURA FAMILIAR E A PATERNIDADE	37
4.4 EDUCAÇÃO SEXUAL	40
4.5 SERVIÇOS DE SAÚDE	42

4.6 FUTURO	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICES	52
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista	53
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	54
APÊNDICE C – Termo de Consentimento de Gravação	55
APÊNDICE D – Transcrição da Entrevista	57

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso surgiu da interação do pesquisador com os adolescentes usuários da Unidade Básica de Saúde (UBS) Bela Vista do município de Palhoça por meio do estágio curricular obrigatório em atenção básica. Durante esse estágio na UBS foi realizado atendimentos individuais e atividades de coordenação de grupos. Durante o trabalho na UBS chamou a atenção do pesquisador o número de adolescentes grávidas que eram atendidas, o que levou ao seguinte questionamento: se essas adolescentes estão grávidas, quem é o pai? Com essa interrogação o pesquisador questionou as enfermeiras da UBS e a diretora da escola onde a unidade fica localizada, sobre a faixa etária dos pais dos filhos dessas adolescentes, e recebendo como resposta que esses também eram na maioria das vezes adolescentes.

Foi possível perceber que os programas de saúde e a estrutura do atendimento a essas gestantes adolescentes deixa de fora o pai nesse processo de gestação. Com o trabalho realizado com o grupo de adolescentes percebeu-se que muitos desses adolescentes não conheceram o pai biológico, ou os pais se separaram quando eles ainda eram muito jovens. Por meio de contato com as enfermeiras da UBS, foi constatado que era comum na comunidade que o pai, no caso da gestação com ambos os pais adolescentes, geralmente não assumiam a criança, ou acabavam se tornando pais ausentes, e acabava ficando para os avós, geralmente por parte de mãe, a responsabilidade de criar os filhos. Diante dessa nova informação, foi possível constatar que esses adolescentes não recebem apoio do sistema de saúde e aparentemente também não recebiam incentivo familiar para assumir sua responsabilidade como pais. Além disso, muitos deles vem de uma possibilidade de ser onde o papel de um pai ausente é reforçado social e culturalmente. Com isso, o que é ser pai para esses adolescentes?

Em busca nos artigos contidos em bases de dado, como o Scielo e o Google Acadêmico, foi possível perceber que parece não haver um lugar para o pai adolescente dentro do sistema de saúde, pois diversos autores demonstram esse “não lugar” social do pai no processo de desenvolvimento da criança. Embora na teoria o sistema de saúde deveria vislumbrar as possibilidades de atuar junto a esses pais, isso acaba não ocorrendo. Entretanto existe atualmente uma discussão no meio científico sobre o que seria o “novo homem”, entendido como o homem que divide com a parceira as responsabilidades de cuidado do lar e dos filhos, um homem que assume “funções” que por muito tempo foram considerados como

de natureza “feminina”, isso faz com que seja necessário que o sistema de saúde reveja o seu conceito de gênero e propiciem para esses pais a possibilidade deles atuarem como responsáveis pelo desenvolvimento de seu filho.

Entende-se que para que esse tipo de espaço seja construído é necessário primeiro que sejam produzidos dados sobre como esses homens, percebem a sua condição de pai, bem como os direitos e deveres que são atribuídos a esse conceito, pois com isso será possível desenvolver projetos que lidem com a condição real de suas angústias, possibilitando a eles o desenvolvimento de sua autonomia e participação no processo de desenvolvimento de seu filho.

A presente pesquisa foi realizada através de um estudo de caso, onde se procurou observar vários aspectos da história de vida do sujeito que se relacionavam com a paternidade, como o relacionamento com a família, educação sexual, construção do seu projeto de vida e de sua personalidade, quais eram as expectativas do sujeito em relação a paternidade e como ele construiu a sua identidade de pai.

1.1 PROBLEMÁTICA

Segundo pesquisa realizada por Corrêa (2005) em diferentes bases de dados, como o Psyclit, ADOLEC e LILACS, entre 1994 e 2004, foram publicados poucos trabalhos que tratam da sexualidade e reprodução na adolescência de homens assim como a gravidez na adolescência pela ótica da paternidade, em comparação com a grande quantidade de trabalhos que falam sobre gravidez na adolescência pela perspectiva da mãe.

Fonseca (1997) encontra a mesma situação ao procurar trabalhos acadêmicos sobre a paternidade adolescente nas bibliotecas das universidades de Recife (UFPE e UNICAP), Rio de Janeiro (UFRJ, UERJ, e PUC/RJ) e São Paulo (USP e PUC/SP), além das fundações SEADE, IBGE e Carlos Chagas.

Em pesquisa realizada na base de dados do Scielo em 2009, pelo método de busca por relevância em artigos brasileiros com a palavra chave “*paternidade*”, foi possível encontrar 83 artigos, sendo que a maioria desses artigos falam sobre questões de gênero. Com a palavra chave adolescência foi possível encontrar 74 artigos, sendo que a maioria desses artigos falam sobre situações sociais de violência, sexualidade e gravidez na adolescência. Com as palavras chaves paternidade e adolescente/adolescência juntos foi possível encontrar 15 artigos.

Lyra (1997, *apud* CORRÊA 2005) afirma que a paternidade na adolescência é um assunto que não é problematizado e quando surge como objeto de preocupação é pela ótica preventiva ou punitiva, isso se deve em parte, ao fato de na sociedade brasileira existir a cultura de que o filho pertence à mãe. Existe um silêncio social a respeito da paternidade na adolescência, a sociedade não oferece ao adolescente as condições de exercer sua paternidade, em contrapartida a maternidade adolescente é amplamente amparada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (LYRA 1998, *apud* CORRÊA 2005). Percebe-se que o fato de existir um número bem maior de publicações e estudos sobre a maternidade e gestação, demonstra uma tendência social de maior preocupação com a gestante do que com o pai adolescente, ignorando os aspectos da paternidade (LEVANDOSKI 2001).

Corrêa (2005) ressalta que segundo discussões realizadas no Seminário de Gravidez na Adolescência, realizado em 1998 no Rio de Janeiro, a sociedade assim como a literatura científica, considera a paternidade e a maternidade na adolescência indesejável, pois geram conseqüências negativas na vida do adolescente.

Paula (2007) aponta que a gravidez adolescente pode gerar uma crise na identidade do adolescente, pois muitas vezes esse adolescente é obrigado a interromper os estudos, assim abrindo mão das possibilidades de melhoria social que o estudo pode propiciar, e dependendo da idade o adolescente ainda não atingiu a maturidade emocional adequada para assumir as responsabilidades e deveres que o cuidado com uma criança pequena demanda. Percebe-se, então, a necessidade da criação de propostas de intervenção em saúde com o objetivo de educar e aconselhar esses adolescentes que irão se tornar pais, com a intenção de reduzir os impactos negativos dessa gravidez na vida desses adolescentes.

Ao entrar em contato com especialistas e educadores para realizar sua pesquisa sobre a vivência da paternidade, Fonseca (1997) encontrou um “muro do silêncio” ao se falar sobre a paternidade na adolescência, essa não é uma questão que é alvo de atenção, e quando acaba se tornando alvo de preocupação é sobre uma ótica preventiva ou punitiva, se evita o assunto ou o adolescente acaba casando. A paternidade adolescente não possui um lugar na sociedade brasileira e no sistema de saúde, não havendo nem mesmo meios para quantificá-la. A mesma autora ressalta que além da literatura nacional ser escassa em trabalhos acadêmicos sobre a paternidade na adolescência, existe também uma falta de instrumentos adequados para coletar dados acerca da paternidade.

Conforme o Artigo 7º do Capítulo I do ECA “A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência” e o Artigo 8º do Capítulo I do ECA, “é assegurado à gestante, através do Sistema Único de Saúde, o atendimento pré e perinatal (BRASIL 1990). Ainda o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD) normatiza as políticas públicas e ministeriais em relação à saúde do adolescente, o PROSAD tem como objetivo “[...]promover, integrar, apoiar e incentivar práticas que visem à saúde do adolescente nos locais de implementação de serviços, visando à integração com outros setores, oferecendo tratamento adequado e reabilitação de adolescentes de forma integral multisetorial e interdisciplinar” (BRASIL 1996, pg 6). Com isso podemos perceber que existe a base legal para que se construa programas que visem o bem estar biopsicossocial da gestante e do pai adolescente, entretanto, a única imposição legal, presente no artigo 8º do Capítulo I do ECA, diz respeito a gestante, faltam medidas legais que amparem esse pai. Ainda dentro da base programática do PROSAD existe apenas uma menção ao adolescente do sexo masculino “É importante ressaltar que no processo de saúde reprodutiva a atenção deverá contemplar os adolescentes do sexo masculino.”

(BRASIL 1996, pg 22), ao adolescente que está vivenciando a paternidade não é especificado nenhum tipo de assistência.

Corrêa (2005) aponta que as bases programáticas do PROSAD estão diretamente ligadas aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) que é a universalidade da saúde como um direito de todos, a integralidade onde as necessidades de saúde dos sujeitos devem ser levados em consideração mesmo que sejam diferentes das da maioria e a equidade onde todos devem ter as mesmas oportunidades de usar o sistema de saúde. Seguindo esse princípios o PROSAD propõem ações educativas voltadas à promoção da consciência corporal tendo em vista a saúde sexual através da prevenção de doenças de transmissão sexual e da AIDS, prevenção de gravidezes indesejadas, intervenção em traumas psicossociais, assistência pré-natal em nível ambulatorial (BRASIL, 1996). Com isso *“é possível concluir que, efetivamente, o PROSAD não apresenta propostas concretas de assistência à saúde do adolescente homem que experimenta a gravidez e paternidade, apesar de pontuar a necessidade em suas bases programáticas”* (CORRÊA, 2005, pg 21).

Fonseca (1997) aponta que a maternidade é uma das construções sociais que é atribuída ao gênero feminino, ou seja, durante anos o conceito de que a maternidade e o cuidado com a criança eram atribuições exclusivamente femininas se reproduziram no espaço privado e público.

Essa rigidez de significado flui para outras áreas da sociedade, como exemplo cita-se a atribuição da guarda da criança a mãe em casos de divórcio, existe um “pré-conceito” social de que a mãe é a sempre a pessoa mais adequada para cuidar dos filhos. Ainda exemplificando essa construção da importância do lugar, ou seria, um “não lugar” do pai no desenvolvimento de seu filho, a licença maternidade que é de 4 meses para as mulheres em contraponto aos 5 dias da licença paternidade. Se a mulher é socialmente atribuída à maternidade, Fonseca (1997) discute que ao homem ficou estabelecido o papel social do provedor de bens materiais e da riqueza, que não cabe a ele a obrigação de estar presente e participativo durante o desenvolvimento de seu filho. Embora o gênero esteja presente na constituição do sujeito e nas relações, não só familiares e parentais, mas também na política e na economia, ele não é um “destino determinista”, pois muitos homens e mulheres rompem com o papel que lhe é esperado, como por exemplo, pais que lutam para conseguir a guarda de seus filhos, ou casais que buscam pela guarda compartilhada (FONSECA 1997). Essa postura em relação à maternidade e ao “não lugar” do pai, também influencia a maneira como o sistema de saúde lida com a questão.

A maternidade na adolescência, mesmo que não desejada e sendo considerada precoce e não planejada pela sociedade brasileira, ainda assim, é reconhecida pela sociedade e pelo sistema de saúde, tendo em vista a quantidade de trabalhos acadêmicos acerca do tema assim como as medidas governamentais de implementação de serviços de saúde (FONSECA, 1997). Percebe-se que os serviços de saúde não se estruturam de modo a inserir o pai adolescente na assistência pré-natal, com isso o pai permanece em um segundo plano em frente ao processo da gravidez, pois os serviços de saúde são voltados ao atendimento da gestante. Conforme Corrêa (2005) o sistema de saúde centrado na lógica medicocêntrica tem suas ações pautadas em resolver os problemas de saúde biológicos, desconsiderando a subjetividade do sujeito e sua relação com a paternidade.

A partir desse quadro é possível refletir a concepção da paternidade na adolescência como algo inerente ao processo gestacional, buscando criar serviços de saúde que prestem atendimento a esses adolescentes e que os auxiliem com suas necessidades específicas ao processo da gravidez e a paternidade, considerando o efeito desses desdobramentos na subjetividade do sujeito. Segundo Paula (2007) ao inserir o adolescente pai no contexto das ações de saúde você aumenta a possibilidade da integração e participação do mesmo nas decisões e responsabilidades do cuidado com o filho.

Lyra (1998, apud CORRÊA 2005) afirma que é necessário construir um lugar social para a paternidade adolescente através de meios que possibilitem ao adolescente manifestar sua voz, expressando suas necessidades, desejos e anseios, favorecendo a participação desse adolescente na construção de sua subjetividade e no processo de desenvolvimento de seu filho. Para que tais serviços de saúde possam ser elaborados é preciso pesquisar qual a percepção que o adolescente que é pai possui a cerca da paternidade.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Caracterizar a percepção de um homem que foi pai adolescente a cerca de sua paternidade na época.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Identificar a percepção de um homem que foi pai adolescente, a cerca da condição de ser pai.

b) Identificar a percepção de um homem que foi pai adolescente, a cerca da participação de sua família em relação a paternidade.

c) Identificar a percepção de um homem que foi pai adolescente, a cerca da educação sexual que recebeu.

d) Identificar a percepção de um homem que foi pai adolescente, a cerca do suporte dado a família pelo sistema de saúde.

1.3 JUSTIFICATIVA

Atualmente, o comportamento sexual dos adolescente é diferente da forma como era vivido por gerações anteriores, hoje existe uma diversidade de “tipos” de relacionamento, os adolescentes de hoje “ficam”, o que é uma forma de relacionamento que busca a obtenção de prazer fora de um compromisso formal. A vida sexual começa mais cedo, o sexo é um assunto mencionado mais abertamente, e as primeiras relações sexuais às vezes acontecem fora de um relacionamento amoroso (MATOS, CARNEIRO e JABLONSKI, 2009). Com o advento da internet e de discussões sobre a educação sexual, se fala mais com os adolescentes sobre sexo, entretanto, mesmo sendo falado mais sobre sexo, os adolescentes em geral ainda não utilizam de métodos contraceptivos na hora do sexo, o que aumenta o risco de uma gravidez não planejada.

A gravidez inesperada pode causar um grande impacto na identidade do adolescente, pois é esperada da adolescência uma época de festas, farras, ficar com as meninas, e descoberta da sexualidade, enquanto que a paternidade culturalmente implica responsabilidades, sacrifícios, falta de festas e necessidade de se tornar um provedor. O impacto dessas obrigações pode desequilibrar psicologicamente esses adolescentes. Principalmente porque na adolescência, como ressalta Levandowski (2001) existe a necessidade de se firmar uma identidade própria, identidade essa que se pauta na capacidade de tomar decisões próprias, desenvolver seus próprios valores morais e éticos, romper a relação de “dominância” dos pais.

Segundo Corrêa (2005) e Fonseca (1997) é necessário compreender os sentimentos, expectativas, percepções, vivências e anseios dos adolescentes que estão vivenciando a paternidade, pois a compreensão de como esses elementos dialogam entre si, pode auxiliar na criação de um serviço de saúde que leva em consideração a subjetividade e especificidade dos adolescentes. Pois algumas das dificuldades que os adolescentes encontram para assumir suas responsabilidades como pais, muitas vezes são criadas ou reforçadas pelas próprias instituições de saúde e de ensino, que carecem de um treinamento adequado para dialogar com esse adolescente sobre a paternidade.

O pai assim como a mãe é essencial para o desenvolvimento infantil, seu papel vai além de prover necessidades básicas, participando também nas relações de afeto e cuidado. Existe um equívoco tendencioso de pesquisadores e clínicos de atribuírem todos os problemas de pais e mães adolescentes ao simples fato de serem adolescentes (FONSECA, 1997).

Paula (2007) alerta que é necessário definir de maneira clara quais são as conseqüências e as variáveis envolvidas no processo da paternidade adolescente. A autora considera que a paternidade é caracterizada por uma série de mudanças onde o sujeito tem que abandonar a maneira como vivia sua vida em prol de um novo futuro, ou seja, o homem agora deve reestruturar toda sua vida em prol do novo papel que ele vai assumir, o de pai, no caso dos pais adolescentes eles ainda não possuem a maturidade necessária para lidar com todas essas mudanças, pois eles ainda estão em um processo de desenvolvimento, biológico e psíquico, e é necessário que os pais estejam maduros emocionalmente para poderem realizar as mediações necessárias entre a criança e o mundo (PAULA 2007).

Segundo Fonseca (1997) um dos principais temas da Conferencia Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo (Egito) em 1994 foi como as políticas de saúde sexual e reprodutiva podem aumentar a responsabilidade masculina em todas as áreas relativas à formação da família e à reprodução humana. Isso demonstra o interesse das políticas de saúde em desenvolver maneiras de implicar o homem na participação ativa em diferentes papéis dentro de sua família; os adolescentes que vão ser pais devem ser auxiliados no desenvolvimento de sua autonomia, lhes proporcionando o conhecimento e suporte necessário para que possam assumir seu papel de responsáveis por seu filho, implicando os mesmos no processo de desenvolvimento da criança podendo assim gerar uma condição de vida mais saudável (FONSECA 1997). É importante compreender quais as condições criadas pela sociedade que facilitam ou dificultam a participação do homem na vida familiar, pois só assim é possível desenvolver políticas de saúde condizentes com a realidade.

Montmayor (1986 apud LEVANDOWSKI, 2001) aponta que os adolescentes não possuem muitas informações sobre o processo de gestação, apresentam uma dificuldade de planejamento para o futuro imediato e de longo prazo, suas decisões partem de um conhecimento empírico de tentativa e erro, o que pode ser perigoso ao se cuidar de um bebê. Além disso, os adolescentes ainda não estão com o seu processo cognitivo completamente desenvolvido, fator que é necessário para que o pai realize as mediações necessárias do bebê com o mundo.

Fonseca (1997) argumenta que a gravidez na adolescência não deve ser sempre considerada prejudicial, pois a introdução dessa nova experiência na vida do adolescente pode proporcionar benefícios na constituição da subjetividade desse adolescente, pois essas experiências podem possibilitar que o adolescente experimente novas possibilidades de ser.

Isso não significa que a gravidez na adolescência deva ser tratada de forma leviana ou ser incentivada, e sim que é necessário analisar qual o impacto que essa

experiência vai ter na vida desses adolescentes. É necessário o desenvolvimento de um programa de saúde com caráter não coercitivo, construído com base na real percepção que esses adolescentes possuem acerca dos fenômenos da paternidade, com o intuito de possibilitar que esses adolescentes possam dar novos significados para suas experiências (LEVANDWSKI, 2001).

Pode-se considerar que esses adolescentes estão em situação de vulnerabilidade, pois o termo vulnerabilidade significa um grupo de indivíduos fragilizados, jurídica ou politicamente, na promoção, proteção, ou garantia de seus direitos de cidadão (PAULA 2007), pois seus direitos a participar ativamente na vida de seus filhos não estão sendo devidamente amparados pelas políticas públicas de saúde. Faz-se necessário ampliar o conhecimento científico acerca do tema bem como aproximar os serviços de saúde de um público alvo que necessita de suporte, através de serviços de saúde que respeitem a subjetividade e as particularidades do sujeito a ser atendido.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 GÊNERO

Para se falar em paternidade na adolescência é necessário compreender as inúmeras variáveis que influenciam a construção da figura paterna e de suas obrigações. O conceito de paternidade assim como a forma como ela é vivenciada é diferente dependendo da época e do local, as vivências sobre a paternidade são mediadas pelas condições de vida, apoio social, cultura, valores locais, valores familiares, experiências individuais e pelas condições sociais de gênero (CORRÊA 2005).

Segundo Corrêa (2005), o sujeito desde o nascimento é direcionado pela família e pelos outros grupos aos qual ele participa a assumir papéis de gênero, com isso os homens e as mulheres estão inclinados a assumirem o que é socialmente esperado para homens e mulheres. Esse “constructo” social de comportamentos apropriados a cada gênero dita as “regras” da construção da subjetividade do sujeito, isso significa que os homens e as mulheres se constituem como tal através de inúmeras vivências sócias mediadas por valores culturais.

Sendo gênero um conceito que é construído sócio-historicamente é necessário fazer um resgate da evolução do gênero masculino, para que se possa melhor compreender o que nós chamamos de homem atualmente. Fonseca (1997) relata que nós anos 60 se buscava fazer discussões sobre o movimento feminista, esses movimentos lutavam em prol de uma sociedade mais igualitária, em que homens e mulheres tivessem os mesmos direitos E esse movimento levou a uma revisão dos paradigmas que a sociedade tinha em relação às condições de vida dos sexos.

Para o mesmo autor, no Brasil, o movimento feminista ganha força a partir da segunda metade dos anos 70, com discussões acerca da condição feminina em diferentes campos da vida social, as mulheres se organizaram em grupos de reflexão, criaram seu espaço nas organizações políticas, nos sindicatos trabalhistas e dentro das universidades, começou a ser discutido a maternidade no campo da saúde, o direito sobre o próprio corpo, o direito ao trabalho fora de casa e o direito as creches para os filhos.

Fonseca (1997) aponta que o homem não tinha um espaço dentro dessa discussão, e quando ele aparecia era como parâmetro de comparação, as reivindicações do movimento feminista eram de cunho político, e estavam direcionadas as políticas de estado, era

questionado o direito a pensão, mais não a participação do pai no cuidado e desenvolvimento da criança. Com o avanço da produção teórica e política sobre o feminismo surgem novas discussões sobre o tema, entre essas discussões está a mudança do foco na mulher para discussões acerca das relações de gênero.

Ao se categorizar gênero como algo inerente as relações sociais, abre-se um novo campo de possibilidades para se discutir a dinâmica das relações entre o masculino e o feminino. Quando se fala de gênero estamos falando do que é socialmente construído como obrigações e práticas, incorporadas por homens e mulheres como sendo da ordem do feminino e masculino, sendo gênero uma construção relacional, não se pode mais conceituar o masculino e o feminino como “entidades” individuais, mais sim como dois conceitos interdependentes, ou seja a desigualdade entre os homens e mulheres esta na forma como os sujeitos se constituem ao longo de sua existência (FONSECA 1997). Benedito Medrado (apud FONSECA 1997) ressalta que:

Reconhecer a dimensão relacional do gênero possibilita desconstruir principalmente os argumentos culpabilizantes sobre o masculino que demarcam o discurso de parte do movimento feminista e que ainda se faz presente, direta ou indiretamente, nas produções acadêmicas contemporâneas. Ao invés de procurar os culpados, é necessário identificar como se dá a relação, gerando menos sofrimento psíquico e possibilitando efetivamente transformações no âmbito das relações sociais “generificadas”, ou seja, orientadas pelas desigualdades de gênero.

A partir do momento em que gênero passa a ser concebido com algo que se forma através das relações sociais, surge o espaço para estudos sobre a masculinidade. Fonseca (1997) aponta que uma das construções sociais que é atribuída ao gênero feminino é a maternidade, durante anos o conceito de que a maternidade e o cuidado com a criança eram atribuições exclusivamente femininas se reproduziram no espaço privado e público, essa rigidez de significado flui para outras áreas da sociedade, como exemplo é possível citar a atribuição da guarda da criança a mãe em casos de divórcio, existe uma idéia de que a mãe é a pessoa mais adequada para cuidar dos filhos, ainda exemplificando essa construção da importância do lugar, ou seria, um “não lugar” do pai no desenvolvimento de seu filho, um exemplo é licença maternidade de que é de 4 meses para as mulheres em contraponto aos 5 dias da licença paternidade.

Fonseca (1997) discute que a sociedade em geral atribui a maternidade a função de cuidar da criança enquanto que ao homem ficou estabelecido a função do provedor de bens materiais e da riqueza, que não cabe a ele a obrigação de estar presente e participativo durante

o desenvolvimento de seu filho. Embora o gênero esteja presente na constituição do sujeito e nas relações, não só familiares e parentais, mais também na política e na economia, ele não é um “destino determinista” pois muitos homens e mulheres rompem com o imagem que lhe é esperado, como por exemplo pais que lutam para conseguir a guarda de seus filhos mesmo com a tendência social de dar a mesma para mãe.

Não existe uma única maneira de se vivenciar a masculinidade, e pode acontecer que os mesmos comportamentos que são esperados do gênero masculino acabem causando sofrimento naquele homem, pois é reproduzido socialmente que o homem deve suprimir as emoções, o prazer de cuidar do outro, a receptividade, a empatia e a compaixão pelo outro, sendo essas características associadas como do gênero feminino, isso pode causar no homem uma alienação de si mesmo, alienação de emoções, afetos e de relações de cuidado, ao se falar das relações de gênero e na desigualdade de poder atreladas e ela, vemos que o “poder” masculino esta sendo questionado, e nesses questionamentos está a participação do homem nas atividades do lar, incluindo ai o cuidado com o filho (FONSECA 1997).

Segundo Fonseca (1997) o lugar do homem, pai, na família, vem sendo debatido como uma maneira de promover a igualdade de gênero, pois se discute a igualdade não apenas nas oportunidades de vida, mas também na participação dos cuidados na família. Uma maior participação das mulheres na vida publica deveria refletir uma maior participação dos homens na vida doméstica, é necessário que se crie oportunidades para se debater a masculinidade e a paternidade, de forma a permitir que os homens possam repensar seu lugar na família, dentro da realidade atual das mudanças sociais e nas relações de gênero.

Fonseca (1997) aponta que hoje existe uma concepção de “novo homem”, o qual é descrito como ativo no cuidado e na educação dos filhos em todas as etapas de sua vida, indo além da participação de provedor de necessidades materiais. Acredita o autor, que é possível que uma maior participação dos homens nas atividades com seus filhos possam promover uma mudança nas relações de gênero, pois as crianças poderão observar e significar o comportamento observado em seu pai, ampliando seu repertorio de comportamentos aceitos como masculino e feminino, em especial no que diz respeito ao cuidado com a criança.

2.2 ADOLESCÊNCIA

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei número 8.069 de 1990, descreve a adolescência como o período de vida que vai dos 12 aos 18 anos e a faixa etária para delimitação de juventude vai dos 15 aos 24 anos. Segundo Paula (2007) a população adolescente no Brasil em 2001 era de mais de 51 milhões de Brasileiros na faixa de 10 a 24 anos, o que correspondia a 1/3 da população. Embora a idade cronológica seja uma medida usada para definir a adolescência, não podemos reduzi-la a uma simples medida de tempo ou de transformações biológicas e psicológicas.

O significado da palavra adolescência demonstra bem essa etapa da vida: do latim *ad* significa para, e *olescer*, crescer, ou seja, é o processo de crescimento do sujeito (OUTEIRAL, 2003 apud MATOS, CARNEIRO e JABLONSKI, 2009).

A adolescência é um conceito social submetido às expectativas de quando certos eventos na vida deveriam ocorrer, entretanto o momento de transição da adolescência para a fase adulta não é claramente estabelecido (FONSECA, 1997). A adolescência é um momento da vida onde ocorrem mudanças psicológicas, sócias e biológicas na vida do sujeito, essas transformações são mediadas de forma diferente dependendo das condições históricas, sociais, culturais e econômicas do adolescente (KNOBEL, 1992 apud LEVANDOWSKI, 2001).

Segundo Osorio (1992), a adolescência como sendo uma etapa natural da constituição do sujeito, situada entre a infância e a idade adulta, é um conceito novo, pois até o final do século XX, era considerado que o sujeito passava da infância a idade adulta, sendo que essa transição era chamada de juventude ou puberdade, foi apenas nos anos 40 que a adolescência surge como uma etapa da vida ao invés de uma ponte de ligação entre infância e vida adulta, com isso se percebe que os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais são indissociáveis, não sendo possível analisar um sem considerar os outros.

Levandowski (2001) aponta que nessa etapa de sua vida o sujeito se depara com uma série de escolhas e transformações no que diz respeito a sua vida pessoal, familiar, social, escolar e mudanças biológicas. E entre essas transformações sofridas pelo adolescente podemos destacar a escolha da identidade sexual, a construção de relações afetivas estáveis, formação dos valores pessoais e a busca pela independência, a maneira como o adolescente vai mediar essas transformações poderá afetar a sua experiência com a paternidade. É esperado que os adolescentes experimentem essas transformações dentro de um “tempo”,

sendo que esse conceito de tempo é construído socialmente, nesse tempo inclui a iniciação da vida sexual, o término do ensino fundamental e início do ensino superior, inserção no mercado de trabalho, desenvolvimento de relações pessoais, para citar alguns.

Ainda segundo Levandowski (2001), dentre as mudanças biológicas que ocorrem com o adolescente a puberdade é uma das mais importantes, a puberdade é responsável por mudanças hormonais que influenciam a aparência do adolescente assim como seu despertar para a vida sexual, como processo biológico a puberdade vai dos nove aos quatorze anos, a puberdade demanda do adolescente uma readaptação física e mental, pois surgem os caracteres secundários sexuais que acabam definindo as diferenças sexuais entre meninos e meninas, do ponto de vista psicológico as mudanças causadas pela puberdade começa a definir a identidade sexual do adolescente, e as mudanças físicas demarcam o “fim” da infância, o comportamento do adolescente muda assim como a maneira como eles se relacionam com seus grupos sociais.

As mudanças físicas, hormonais e cognitivas colocam o adolescente diante de novas possibilidades de papéis sociais, em especial no que diz respeito do sexo oposto (PAULA 2007). O adolescente desenvolve a capacidade de pensamento superior, ou seja, a aptidão para trabalhar com questões hipotéticas, conceitos abstratos, maior capacidade de metaforização e capacidade de raciocínio dedutivo, essas mudanças cognitivas permitem que o adolescente elabore hipótese e as teste, comparar experiências e pensar sobre eventos não imediatos, o adolescente passa a refletir sobre seu próprio raciocínio e atitudes, isso é necessário para que o adolescente possa atingir a maturidade emocional e intelectual, pois primeiro o adolescente precisa desenvolver seu sistema de crença e valores, que vão permitir que ele se posicione de maneira crítica perante os acontecimentos em sua vida (LEVANDOWSKI 2001).

Levandowski (2001) afirma que com a maturidade o adolescente assume novas responsabilidades e deveres, como direito de votar e dirigir, ou seja, o adolescente começa a lapidar a sua identidade adquirindo consciência de quem ele é e das suas possibilidades de vir a ser. Essa busca por sua identidade ocupa grande parte da vida do adolescente, e o sujeito se experimenta assumindo diferentes papéis dependendo do ambiente social em que ele se encontra, essas diferenças refletem as mudanças biológicas e cognitivas que os adolescentes estão passando, essas transformações são mediadas pelos comportamentos que os adolescentes adotam como modelo, comportamentos que podem partir tanto dos pais como dos amigos, professores, e qualquer outra pessoa significativa na vida desse adolescente.

2.3 SEXUALIDADE

Segundo Paula (2007) a sexualidade na adolescência deve ser tratada como algo natural e importante para o processo de desenvolvimento, pois ela envolve o processo de relação com o outro, com o ambiente e de construção da identidade, a sexualidade é inerente a vida humana. Segundo Castro (*at all* 2004) a iniciação sexual é um rito de passagem da infância para adolescência, é um marcador de constituição da identidade do adolescente, o exercício da sexualidade ocorre em um meio de possibilidades cultural, demarcado por preconceitos e rituais próprios de cada sociedade.

A iniciação sexual embora seja um evento íntimo entre duas pessoas, está fortemente enraizada no coletivo, pois ao se falar sobre sexo e se mostrar como sexualmente ativo o adolescente está reforçando o seu papel como homem no grupo. Com isso o adolescente está construindo sua identidade através da sexualidade, o adolescente sexualmente ativo se sente dono de suas emoções e capaz de coordenar sua vida (CASTRO *at all* 2004).

Por ser dentro de seu grupo social que o adolescente usa a sexualidade para se reforçar como homem, é no seu grupo social que ele vai encontrar apoio para discutir as questões relativas ao sexo, pois encontra apoio no seu grupo. Embora esse sentido de segurança grupal seja saudável e necessário para o desenvolvimento do adolescente, ele acaba por limitar o acesso a informação, uma vez que a tendência é que os indivíduos de um mesmo grupo social tenham suas experiências mediadas de formas similares em decorrência de seu campo de possibilidades.

De acordo com considerações de Paula (2007), a sociedade e a mídia apontam a juventude como símbolo de virilidade e sexualidade, sendo que o sexo é incentivado entre os adolescentes pelos meios de comunicação, internet, revistas e os meios sociais, pode-se considerar que a super exposição do erotismo pela mídia desperta a curiosidade sexual nos adolescentes cada vez mais cedo. Entretanto esses adolescente costumam a recorrer a fontes de informações pouco confiáveis para saciar a suas curiosidades e duvidas sobre o sexo, em um trabalho realizado com adolescentes sobre sexualidade, o pesquisador pode observar que a maioria dos adolescente recorre a internet e aos amigos para tirar duvidas sobre a sexo, no caso da internet existe informação em excesso e falta a esses adolescente o conhecimento para filtrar as informações boas das ruins, e em relação aos amigos seu compartilhamento parte de experiências pessoas e do senso comum, o que nem sempre pode uma informação adequada.

Enquanto por um lado a sociedade inunda as propagandas e programas populares com mulheres semi-nuas, discussões sobre sexo e exercício da liberdade sexual, essa mesma sociedade prega o amor no lugar da maternidade como alicerce do casamento, realização profissional, condições materiais antes de ter um filho, planejamento familiar, estudo e trabalho, essa mesma sociedade não coloca ao alcance desses adolescentes estimulados pela curiosidade natural da fase da vida, as informações necessárias para que eles possam explorar sua sexualidade de forma saudável.

Em sua pesquisa para UNESCO, Castro (2004) demonstra que existe uma diferença na forma como a virgindade é vista para homens e mulheres, é esperado socialmente que os adolescentes homens comecem sua vida sexual cedo, como forma de reforçar seu papel de homem, enquanto as meninas é esperado que elas esperem por uma relação estável e significativa para iniciar sua vida sexual, é esperado que os homens tenham várias parcerias sexuais, enquanto as mulheres tenham poucas experiências porém significativas.

A mesma pesquisa ainda aponta que grande parte da população ainda considera que as mulheres devem casar virgens enquanto os homens podem ter experiências antes do casamento. Com isso é possível perceber um paradoxo social acerca da sexualidade, pois é esperado que os homens tenham várias parceiras enquanto as mulheres tenham poucas.

Os adolescentes encontram várias formas de experimentar a sua sexualidade, como o “*ficar*”, que caracteriza uma relação sem compromisso, de caráter imediato onde pode ou não haver a relação sexual, ainda existe uma dupla moral quando fala da sexualidade adolescente, pois ela é socialmente estimulada nos garotos mas censurada nas meninas, sem levar em conta que se esses meninos estão fazendo sexo, provavelmente deve ser com uma parceira de sua faixa etária, ainda reflexo dessa dupla moral é o uso de preservativos e das pílulas anticoncepcionais, enquanto os meninos são parabenizados por usarem os preservativos, as meninas têm vergonha de dizer que estão tomando a pílula anticoncepcional temendo uma represália, ou ainda de carregar preservativos com ela (PAULA 2007).

De acordo com Paula (2007) os adolescentes iniciam sua vida sexual sem o conhecimento adequado acerca de seus impulsos sexuais e necessidades, os jovens se envolvem em relações com vínculos semelhantes a de casais adultos sem estarem preparados emocionalmente para o mesmo, com isso eles têm a tendência de ignorar os riscos que a relação sexual sem proteção pode trazer, as suas experimentações com a sexualidade tendem a ser intensas e às vezes sem controle, é necessário suporte educacional, social e político para tirar esses jovens da situação de vulnerabilidade.

2.4 PATERNIDADE

Bilac (1996 apud FONSECA 1997) demonstra que segundo a Constituição federal e o Código Civil a paternidade no Brasil é concebida a partir dos direitos concedidos aos filhos, pois diferentes configurações familiares correspondem a diferentes tipos de responsabilidades junto à criança, assim, há o filho legítimo nascido de uma união legal, o filho natural que nasceu de um casal que não é casado, o filho do adultério nascido de relações extraconjugais, filho do incesto nascido de relação incestuosa e o filho adotivo onde os pais assumem o parentesco no civil sem haver relação de sangue.

Segundo Paula (2007) o conceito social de paternidade é construído a partir do referencial do gênero masculino e feminino, a paternidade é na maioria das vezes analisada pela perspectiva feminina de que são as mulheres que carregam o bebê e por isso são as responsáveis pelo mesmo. O homem não participa do processo gestacional, do nascimento, da amamentação, lhe sendo negada a participação e o desejo de participar de todas as etapas da gestação e desenvolvimento, a produção e os cuidados com a criança continuam sendo vistos como algo inerente a mulher, seja na natureza dos cuidados e da educação. A paternidade pode ser um evento importante na vida de um homem, pois transforma sua vida favorecendo o exercício do afeto, também na gravidez é o momento mais evidente onde o filho e a filha passam a ser pai e mãe, é uma fase com expectativas, anseios e mitos, que acompanham o desempenho de novos papéis, ao assumir a paternidade, o pai está assumido deveres e responsabilidades para com a criança, pois a paternidade não é apenas fazer o filho, mais sim estar participando ativamente nas etapas de desenvolvimento da vida do mesmo.

Paula (2007) ainda afirma que ninguém nasce sendo pai, o sujeito pode vir a se identificar como tal a partir do momento em que ele se experimenta vivendo essa condição, o homem vai vivenciar a gravidez de maneira diferente da mulher, uma vez que desejar um filho é diferente de assumir o papel de pai, pois para ser pai deve assumir responsabilidades.

No momento em que o filho nasce o homem pode realmente se experimentar como pai, pois a criança sai do mundo das idéias e se materializa onde pode ser tocada, abraçada, sentida, coisa que a mãe já vivencia de forma mais direta desde os primeiros momentos da gestação. Ser pai é mais do que cumprir tarefas e prover bens, é se envolver afetivamente com a criança, mais para que isso ocorra é necessário que haja uma mudança nos paradigmas e que seja possibilitado esse espaço ao homem e não apenas a mulher (PAULA 2007). Fonseca (1997) aponta que existe um certo preconceito em se aceitar o pai

adolescente, pois o mesmo é considerado impulsivo, inconseqüente e irresponsável, ao conceber a paternidade adolescente como algo natural no processo de gestação os serviços de saúde estão dando a oportunidade para esses adolescentes de experimentarem essa emoção, aumentando as chances desse pai ter uma participação mais ativa no desenvolvimento da criança. Segundo Paula (2007) para o “novo homem” a paternidade é uma oportunidade de viver sentimentos, emoções, de participar numa relação igualitária no desenvolvimento do filho, porém muitas vezes esse novo homem não é percebido ou estimulado pelas mulheres,

2.5 CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Durante a infância as meninas brincam com bonecas, de casinha, existe um “treinamento” para elas serem donas de casa e mães, enquanto que os meninos devem jogar bola, brincar de carro, soltar pipa, atividades que os preparam para serem independentes, competitivos e capazes de enfrentar o mundo, enquanto a mulher fica reservada aos cuidados com o lar e a família. Essa construção social de papéis começa antes mesmo que o sujeito nasça, onde concepções acerca de seu gênero impregnam seu campo de possibilidades, concepções como “homem não chora e garotas são meigas”, essas idéias vão ser mediadas para eles através de seus pais e de todos os outros círculos de convivência que tiverem (PAULA 2007).

A família vai mediar a relação da criança com o universo, essa mediação acontece dentro de um contexto sócio-histórico, que vai estabelecer um campo de possibilidades para a constituição do indivíduo (SARTRE 1978).

Segundo Paula (2007), a habilidade de se cuidar bem de um filho, vem das experiências que os próprios sujeitos tiveram com figuras paternas ao longo da infância e adolescência, acontece que o adolescente ainda não terminou de significar todas essas vivências, e continua ainda com a necessidade de ser cuidado por alguém, não se sente preparado para a paternidade.

Sob a perspectiva de Fonseca (1997) existe uma dificuldade em se avaliar o impacto que a ausência do pai vai causar da vida da criança, teoricamente crianças que cresceram sem o pai totalmente presente podem apresentar dificuldades em relação ao controle das emoções, desempenho escolar e questões de gênero, entretanto, existem muitas exceções, pois não são todas as crianças que foram criadas sem o pai que apresentam

problemas, assim como uma família dita “bem estruturada” não é garantia de uma criança sem problemas. Logo, a pura presença ou ausência paterna não é por si só a variável que esclarece o impacto que isso vai ter na construção da subjetividade da criança.

Segundo Sartre (1978) o indivíduo primeiro nasce dentro de um contexto sócio-histórico para depois se constituir como sujeito, isso significa que apenas depois de inserido no mundo que o sujeito começa a construção de sua subjetividade. Assim sendo para o existencialismo sartreano não existe uma natureza humana universal, o que existe é um sujeito constituído dentro de uma determinada realidade sócio-histórica, em que, para se compreender esse sujeito é necessário entender esse espaço onde ele se constituiu como indivíduo.

A criança ainda não possui todo o aparato cognitivo para compreender o mundo ao seu redor, e é o papel dos pais apresentar esse universo para a criança, realizando as mediações que a criança ainda não é capaz de fazer.

Sartre (1978) explica que a medida em que o sujeito se desenvolve passa a ser capaz de realizar as próprias mediações acerca das experiências que ele vivencia, com isso passa a ser sujeito ativo de sua vida, constituindo suas crenças e valores. Esse “universo” em que o sujeito se desenvolveu, incluindo o social, político, histórico, a família amigos e demais círculos de convivência, criam no sujeito um desejo de ser, esse desejo faz com que o sujeito se lance para o futuro, dentro de um campo de possibilidades adequado para a sua realidade. O que acontece é que nem sempre esse desejo de ser é claro para o indivíduo, o que faz com que ele “vague” por suas experiências sem realmente se apropriar delas, tomando decisões “não críticas” e sem se colocar no papel daquele que tomou a decisão. Quando isso ocorre o sujeito acaba não se implicando em sua própria vida, agindo sem compreender o impacto de suas ações em sua vida, é como se o sujeito não conseguisse enxergar o impacto que suas ações vão ter em sua vida e na vida das outras pessoas.

O Outro para Sartre (1978) é essencial para a constituição do sujeito, pois é através do outro que percebe-se o diferente e as possibilidades de ser. O outro apresenta o mundo para o sujeito de diferentes formas, sendo que no início da vida esse outro são os pais ou cuidadores, mas à medida que o sujeito se implica com o mundo, o outro está em todos os círculos de convivência, influenciando a forma com que ele se relaciona com o mundo. Assim como cada um é afetado pelas ações dos outros, vice-versa, à medida que o sujeito age sobre o mundo ele muda, para si, para o outro, e para aqueles que ainda irão nascer.

A forma como os pais criam os filhos molda o sujeito que a criança vai ser, mesmo quando o sujeito diz que ele não vai ser como os pais, ele está se afirmando como

sujeito, construindo uma identidade, as experiências de vida do sujeito influenciam como ele se constitui, assim como suas ações no mundo vão influenciar a forma como o outro se constitui.

A pesquisa realizada por Allen e Doherty (1996 apud LEVANDOWKI 2001) indicou que em geral pais adolescentes que não assumem o filho ou não participam da vida do mesmo vêm de lares onde eles também não conheceram o pai ou o pai foi ausente. O que indica a reprodução de comportamentos aprendidos durante a própria vida do sujeito. A simples reprodução de comportamentos sem uma reflexão crítica pode indicar que o sujeito não se coloca como “agente” de sua vida, ao ignorar o seu desejo de ser, e as possibilidades de ser que se apresenta, o sujeito inviabiliza a possibilidade de se implicar nessa realidade, e por sua vez a possibilidade de reflexão e mudança.

2.6 APOIO FAMILIAR

A experiência de se viver em família, possibilita estruturar e significar uma representação de família. Essa vivência é uma experiência única para cada família e para cada um de seus membros, a família é uma estrutura dinâmica, e esta sempre sofrendo transformações (DELGADO, 2005). Os valores das novas gerações se misturam com os valores da antiga geração para gerar os valores da próxima

Segundo Martine e Angelo (1999) todas as famílias possuem papéis familiares, comunicação e socialização que são características daquele núcleo familiar, é importante conhecer o papel de cada sujeito dessa família, sua história de vida, e suas experiências. Pois é inserido nesse contexto que o sujeito vai ter suas primeiras experiências e possivelmente formar o seu conceito de família.

Através do que lhe foi ensinado o sujeito vai formando seus conceitos de homem, mulher, pai, mãe, a família passa para o sujeito padrões de comportamento, hábitos, usos, costumes, valores, atitudes, linguagem, maneiras de se expressar, sentir, agir, reagir, que são únicas dentro daquela família, isso demonstra a importância de se compreender como funciona a família do sujeito em ordem de entender como funciona o sujeito (GOMES, 1994 apud MARTINE e ANGELO, 1999).

Com isso é possível observar que a forma como a família lida com determinados assuntos vai ter influência direta na forma como o sujeito vai lidar com esses assuntos. No

caso da paternidade, uma família que carrega forte em sua formação, uma crença, um ideal, de paternidade, vai transmitir isso para o sujeito, que possivelmente vai crescer levando consigo esse ideal, pois, segundo Sartre (1978) é dentro desse campo de possibilidades familiares que ele terá suas primeiras experiências constituintes da sua personalidade.

Possivelmente se essas experiências foram significativas na sua constituição, ele irá transmitir elas para o cuidado com seus próprios filhos acrescentando as suas próprias crenças e valores, produzindo assim um ciclo de reestruturações focadas no apoio familiar. Isso não significa que a família precisa ser nos chamados “moldes tradicionais”, de pai, mãe e filho, já que diferentes configurações familiares trazem diferentes possibilidades de ser, ou seja, o fato de uma família não ter uma figura paterna bem estabelecida não significa o sujeito não ter nenhum tipo de experiência sobre a paternidade.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, na compreensão de que este tipo de abordagem favorece a busca de respostas a questões particulares, que não podem ser quantificadas por estarem relacionadas com o universo dos significados, valores, crenças, atitudes e das relações humanas. A delimitação de pesquisa é estudo de caso, pois segundo Gil (2008) é o um tipo pesquisa que possibilita uma melhor familiaridade com o problema a ser pesquisado, através da interrogação direta do sujeito cujo fenômeno se deseja compreender.

3.2 PARTICIPANTE

O sujeito participante dessa pesquisa foi um homem de classe média, com ensino superior completo em pedagogia que foi pai aos 17 anos. O sujeito atualmente esta com 28 anos, é casado, pai de duas filhas, com 11 e 6 anos, residente da Grande Florianópolis e trabalha em uma escola.

É importante referir, que a proposta inicial era para realizar uma pesquisa com sujeitos adolescentes que iriam ser pais, ou seja, que as parceiras estivessem grávidas, porém devido á dificuldade em se localizar os sujeitos propostos, foi escolhido fazer um estudo de caso com um homem que tenha sido pai durante a adolescência.

O pesquisador entrou em contato com escolas da grande Florianópolis e com uma UBS de palhoça na tentativa de localizar adolescentes que iriam ser pais, porém, não foi possível encontrar sujeitos com essas características. Com isso, buscou se ampliar os critérios de inclusão dos participantes da pesquisa para adolescentes que já fossem pais. A partir disso, foi possível localizar 2 sujeitos, que não aceitaram participar da entrevista. Foi necessário expandir novamente os critérios, alterando para homens que tivessem sido pais na adolescência, independente da idade que estivessem agora.

Foi adotada a opção do estudo de caso devido a dois fatores; o primeiro, o tempo que restava para realizar a análise dos dados seria muito curto pra uma pesquisa com

múltiplos sujeitos, o segundo, é que, com apenas um sujeito, seria possível ir mais afundo nas perguntas realizadas na entrevista e na análise, com o objetivo de enriquecer os dados coletados.

3.3 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS

Na realização da entrevista para a coleta de dados, foi utilizado um aparelho celular como gravador de voz, um roteiro de entrevista semi-estruturada, um computador com conexão a internet, impressora, caneta, lápis, transporte público para locomoção até o local da entrevista, e telefone celular para fazer o contato com o sujeito.

3.4 SITUAÇÃO AMBIENTE

A entrevista foi realizada através de acordo prévio na casa do sujeito da pesquisa, com participação do sujeito e do pesquisador, estava presente no local a esposa do sujeito, mas a mesma não participou da entrevista. A entrevista foi feita em um local arejado, livre de barulhos externos, com boa iluminação e sem nenhuma interrupção.

3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista com o roteiro semi-estruturado, esse roteiro foi elaborado a partir dos seguintes aspectos:

- a) escolaridade,
- b) organização familiar,
- c) relação com o pai,
- d) relação com outras figuras paternas,
- e) ansiedades e expectativas em relação ao filho,
- f) relação com a mãe de seu filho,

g) educação sexual,

h) percepção sobre os serviços prestados pelo sistema de saúde a família.

A entrevista foi realizada em 19/10/2009, e teve uma duração aproximada de 40 minutos, foi tomado cuidado para que o pesquisador não influenciasse as respostas do sujeito, dando liberdade para o sujeito responder as perguntas de forma espontânea. As perguntas foram feitas com o objetivo de obter respostas aos objetivos dessa pesquisa.

Para garantir a validade o instrumento de coleta de dados foi realizado uma entrevista piloto com um homem de classe média, com ensino superior completo que foi pai aos 19 anos.

3.6 PROCEDIMENTOS

3.6.1 De seleção do participante

A seleção do participante foi feita com base nos seguintes dados, homens que foram pai durante a adolescência, independente da idade que estivessem no momento da entrevista, de classe social e formação acadêmica. O participante foi escolhido através de recomendações de colegas e familiares do pesquisador.

Inicialmente a intenção dessa pesquisa era entrevistar múltiplos sujeitos, adolescentes que iriam ser pais, ou seja, que as parceiras estivessem grávidas, para que se pudessem analisar as percepções desses sujeitos sobre diferentes variáveis da paternidade. Foi realizado um contato com a UBS de Bela Vista - Palhoça, para identificar se, nos prontuários de atendimentos das gestantes, existia alguma informação sobre a idade do pai das crianças. Essa informação não foi encontrada, o que levou a tentativa de contato com as gestantes adolescentes, onde foi observado que a grande maioria das adolescentes gestantes atendidas estavam grávidas de homens mais velhos.

Em seguida, foi tentado o contato com instituições de ensino, a princípio públicas, depois as privadas. Com o auxílio das instituições de ensino foi possível localizar três adolescentes que eram pais, nesse ponto da pesquisa, as características dos sujeitos tinha sido ampliadas para adolescentes que fossem pais, ou seja, que o filho já tivesse nascido. Ao contatar esses adolescentes, um deles aceitou dar entrevista, outro não aceitou e o terceiro

aconteceu uma situação embaraçosa para o pesquisador, pois o adolescente relatou que na verdade seu filho nasceu prematuro e não sobreviveu. Diante disso, o pesquisador optou por não o convidar para participar da pesquisa acreditando que seria doloroso falar sobre o ocorrido. O adolescente que tinha aceitado dar a entrevista acabou faltando no dia e quando contatado posteriormente para ver a possibilidade de remarcar, o mesmo disse que não queria mais participar.

Foi percebido a necessidade de novamente ampliar as características dos sujeitos da pesquisa. Foi alterado para homens que tivessem sido pais na adolescência, na tentativa de assim haver um número maior de sujeitos. A preposição se mostrou verdadeira, infelizmente, não havia tempo hábil para se realizar entrevistas e análise de dados de múltiplos sujeitos; então, se optou para fazer a entrevista com apenas um sujeito, e utilizar essa entrevista para se aprofundar o máximo possível nas questões levantadas pela pesquisa, na compreensão de que, mesmo analisando os dados de apenas um sujeito, seria possível colher dados representativos ao problema de pesquisa.

3.6.2 De contato com os participantes

Foi feito o contato com o participante através de telefone, onde foi explicado quem era o pesquisador e qual o objetivo da pesquisa, depois de confirmado a possibilidade da realização da entrevista foi marcado o local, data e hora. Antes de começar a entrevista o sujeito leu e assinou o “Termo de Consentimento de Gravação” e o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

3.6.3 De coleta e registro dos dados

No início da entrevista foi explicado ao sujeito o tema da pesquisa, ele leu e assinou os termos de consentimento. A fala foi gravada em aparelho celular e posteriormente transcrita para o computador.

3.6.4 De organização, tratamento e análise de dados

A análise foi realizada a partir da categorização a posteriori das falas do sujeito entrevistado. Após a entrevista ser transcrita na íntegra para o computador, foi lida e destacado nela os pontos que correspondem aos objetivos da pesquisa, bem como pontos novos, posteriormente as falas foram agrupadas em categorias de análise, baseado no conteúdo de suas informações. Para analisar as informações obtidas na fala do sujeito foi utilizada a análise de conteúdo, com o objetivo de estabelecer um diálogo entre a fundamentação teórica e os dados obtidos com a entrevista.

4 ANÁLISE, DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

4.1 CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE E A PATERNIDADE

Segundo Sartre (1978) o seres humanos são seres sociais, é na estrutura social em que o sujeito está inserido que ele irá encontrar dados para construir a sua singularidade, se apropriando de um conjunto de práticas, valores, conhecimentos, ideologias, afetividades e histórias. Todas as mediações que o sujeito sofre ao longo de seu desenvolvimento são apropriadas de forma reflexiva, construindo assim a compreensão que o indivíduo tem de si mesmo, quer dizer, que é através da reflexão que o sujeito estabelece um entendimento de como age, pensa e sente, essa compreensão é construída através da apropriação que o sujeito faz de valores, conhecimentos e crenças, mediados pelas pessoas que o cercam.

Vale demarcar, que essa reflexão poderá ocorrer de duas maneiras: como reflexão espontânea, na qual o sujeito está posicional dos objetos e não posicional de si, na medida em que reflete os objetos e não a si mesmo na relação com os objetos, encontrando-se, portanto, na alienação; e como reflexão crítica, quando o sujeito é posicional de si, isto é, toma a si mesmo como objeto de consciência, questionando o seu eu nas relações estabelecidas (SARTRE, 1994).

Assim, o sujeito nasce inserido dentro de um campo de possibilidades, numa realidade sócio-histórica, política e cultural. Esse campo de possibilidade, mediado por sua família, que nesse primeiro momento da vida é o principal grupo social com quem o sujeito se relaciona, vai apresentar ao sujeito uma gama de possibilidades de vir a ser, essas possibilidades de futuro ao ser apropriado pelo indivíduo acaba por definir suas escolhas futuras, e o significado que o sujeito vai atribuir a suas vivências.

O homem é um ser que se lança para o futuro, é um projeto que se concretiza subjetivamente e objetivamente, esse projeto é um desejo de ser, desejo de ser um tipo de pessoa, e ainda o sujeito se move rumo a um futuro, o sujeito se define pelo seu desejo de ser, é o que o orienta no estabelecimento de relações, é através do desejo de ser que ele se objetiva, através da ação (SARTRE 1978).

Pode-se destacar que nesse campo de possíveis que caracteriza a realidade humana, está disposta para os homens a possibilidade de viver a paternidade e, em especial, de vivê-la de diferentes maneiras, caracterizando desejos e projetos de ser diferenciados.

Corrêa (2005) afirma que a paternidade é vivida de forma diferente de acordo com a época e local, pois a construção da paternidade é mediada pela condição de vida, apoio social, apoio cultural, valores locais, valores familiares, experiências individuais e pelas condições sociais de gênero.

O sujeito da pesquisa demonstra que já possuía um desejo de ser pai antes de sua namorada ficar grávida, como pode ser observado nas seguintes falas.

1) *“...assim eu já pensava em ter filho antes, ta ligado, mais foi um baque, foi forte, porque eu não pensava naquela idade, porque tava no verão aqui, tava nos ingleses né, coisa da adolescência, correndo de um lado pro outro, mais foi legal assim, eu gostei, eu sou uma pessoa assim mais caseira.”*

2) *“Eu sempre gostei, eu sempre quis ter filho quando eu era novo, eu sempre pensava, acho que se deve muito por causa da minha mãe, como ela tratava nós assim...”*

3) *“...aos 10 anos eu já pensava em ter uma menina...”*

O fato do sujeito já desejar ser pai influenciou diretamente a forma como ele recebeu a notícia de que seria pai, ser pai era algo que estava dentro de seus planos, o que acontece é que a paternidade veio antes do que o sujeito considerava um momento ideal, como pode ser observado na fala 1. Devido ao fato de que a paternidade era algo desejável, falas 2 e 3, foi possível que o sujeito fizesse uma reavaliação de seu desejo de ser, agindo de forma crítica sobre sua situação, e reorganizando os seus planejamentos para o futuro.

Levandowski (2001) fala que é necessário que o adolescente possua maturidade emocional e intelectual para poder exercer seu papel de pai, pois ser pai implica em romper com a “dominância de seus pais”, para poder se posicionar de forma crítica nas escolhas a serem tomadas em relação a seu filho e, para que isso ocorra, é preciso que o sujeito já tenha desenvolvido seus próprios valores morais e éticos.

É possível inferir que se caso a paternidade não fosse um desejo do sujeito, esse novo elemento dentro de seu campo de possibilidades poderia vir a desestabilizar o projeto de ser e desejo de ser do sujeito, fazendo com que ele vivesse uma contradição em seu ser. Isso poderia levá-lo a adotar uma postura alienada perante suas escolhas, isto é, assumindo os acontecimentos como determinação, não se apropriando das experiências como decorrente de suas ações e não reconhecendo-as como constituidoras do seu ser. Como já destacado, segundo Sartre (1994), a consciência é definida por uma intencionalidade, essa intencionalidade pode ser reflexiva crítica ou pré-reflexiva, sendo que uma consciência pré-reflexiva é alienada, pois o sujeito age espontaneamente sobre o mundo, sem se posicionar de forma crítica, apenas reagindo as situações sem ter a dimensão de suas escolhas.

Ainda na fala 2 do sujeito é possível observar a influência da família na construção de sua identidade. Sartre (1978) afirma que o outro é essencial para a existência do homem, e para a compreensão que o sujeito tem de si mesmo, ele explica que através do outro, o indivíduo consegue perceber diversas possibilidades de ser, pois o homem é materialidade, é um ser no mundo, possui um corpo e uma consciência com a qual ele estabelece suas relações. A personalidade do sujeito vai se construir ao longo de sua vida através de suas experiências concretas (SARTRE, 1994).

Portanto, é através do outro que o sujeito identifica suas possibilidades de ser, foi na relação com seu pai e sua mãe que o sujeito da pesquisa estabeleceu sua concepção de paternidade, como pode ser observado nas seguintes falas do sujeito sobre o que é ser pai.

1) *“Então, eu tinha bastante noção, porque meu pai viajava bastante, assim, morava em São Paulo e ia bastante pro Rio, Concórdia, eu ficava vendo o que a mãe precisava, o que a mãe fazia e tal, pra por o que ele tirou, e nisso assim eu sempre observei bastante, sou uma pessoa bem de observar, e foi legal porque eles me deram uma bela base, muito boa base.”*

2) *“Na minha? A, foi irado, o pai fez tudo tudo, levava nós pra viajar direto, pescar, acampar, tudo, meu pai é o pai, até hoje ele ajuda, em tudo tudo tudo.”*

3) *“A cara, meu pai sempre foi um pouquinho mais doidinho, sabe, de ficar mais com nois, os outros não, quando ele podia né, ele trabalhava bastante na [empresa], mais eu via, tipo o pai do outro Fulano era mais brabo, que ele não podia varias coisas, que ele ficava em casa, foi isso que eu senti, nosso pai era um pouco mais solto, mais sossegado, não era esportista, não tinha aquela coisa de agora eu sou esportista meu filho vai ter que ser esportista, eu fui medico tu vai ter que ser medico, ele ia dando as idéias, jogando os parâmetros, os bom e os ruim, daí o cara foi escolhendo.”*

4) *“...não sou um pai bem rígido, eu não consigo, essa é mais a parte da mãe, a mãe consegue...”*

O sujeito da pesquisa via em seu pai alguém em quem se espelhar, ele se apropriou das experiências que teve com seu pai, e acrescentou suas próprias experiências de vida para construir sua identidade de pai, o que pode ser observado na fala 4; em relação as outras três falas que demonstra sua vivência como um efeito direto da forma como ele se relacionou com seu pai. Na fala 3, é possível perceber como diferentes pais, também contribuíram para a criação da identidade de pai do sujeito, pois mesmo diante de uma afirmação negativa, exemplo “não vou ser como aquele homem”, o sujeito está lapidando suas próprias características e definindo sua individualidade.

O homem é corpo e consciência, e é através da relação com a exterioridade e da compreensão que ele der para suas experiências que ele vai constituir a sua personalidade (SARTRE, 1978). Não é apenas as experiências que o sujeito tem dentro do seu primeiro grupo social que definem a sua identidade, ou seja, conforme o sujeito se desenvolve, e entra em contatos com outros sujeitos, amplia o seu campo de possibilidades, ele incorpora essas novas experiências as antigas, criando novos significados, transmitindo essas novas crenças e valores para seus filhos, uma relação onde os saberes não se sobrepõem e sim se complementam. Isso pode ser observado na seguinte fala do sujeito da pesquisa em relação a forma como foi educado e como pretende educar suas filhas.

1) *“Muito pouco, muito pouco, eu tendo seguir bastante a pedagogia, que eu aprendi bastante, com a pedagogia eu já aprendi assim o negocio do não, coisas assim, mais eu vou muito na base da minha mãe, fui muito criado com a minha mãe, quando ela pede as coisas, a pai vamos viajar, vamos acampar ou sei la, é que também tem muitos lados, essa pergunta tem muita ramificação, por exemplo, bebida, ela chega, a pai o que é isso aqui, é cerveja, o cara tem que explicar e tal que é para adulto, a mesma coisa que o pai fez, a mãe fez, no caso de outras coisas mais liberal, eu sou mais liberal, claro por causa dessa época que nos tamo, mais no mais eu brinca bastante com ela, converso bastante, ela me conta bastante coisa, levo na capoeira, balé, já se apresentou no TAC, o cara ta sempre presente, sempre presente, não tem nada que eu faltei, dia dos pais.”*

2) *“Essa parte eu não vi muito o meu pai fazer, quem fazia era minha mãe, então eu não tive muito apoio nessa parte de refletir, entende-se, eu pego no pé, tem que tirar nota boa, tem que estudar, tem que entender, eu viajei bastante com ela, então falo que ela tem que lembrar de tal lugar na geografia, essas coisinhas assim, mais eu não sou de chegar e ficar todo dia com ela, essas coisas eu não faço...”*

É através das relações que o sujeito estabelece com a exterioridade que ele irá se construir no mundo, por estar inserido em condições sociais, familiares, materiais e existenciais concretas irá construir sua subjetividade através da articulação de apropriação desses elementos (SARTRE 1978).

4.2 ESTRUTURA FAMILIAR E A PATERNIDADE

A condição histórica em que os homens nascem é variável, assim como as relações que se estabelecem como mediações para o sujeito, o que não é variável é a necessidade do sujeito estar inserido no mundo, o sujeito se experimenta através de sua participação em um grupo, os homens não existem isolados, mas sim na presença inevitável de um outro, a reunião de pessoas pode se organizar em estruturas sérias ou em grupos organizados (SARTRE, 1978). O autor fala que nos grupos organizados existe um compartilhar de objetivos, de relações de reciprocidade, o corre a superação da solidão dos participantes através da relação entre seus membros, o outro é um meio para que eu possa me constituir.

O ideal seria se todas as famílias se constituíssem em uma relação de grupo organizado, devido a seu papel de mediar o mundo para os sujeitos, porém, às vezes, a relação estabelecida entre os membros de uma família é formada por uma seriedade interna, seus membros não conseguem articular seus projetos individuais em torno de um projeto coletivo, fazendo com que o grupo familiar se torne uma pluralidade de solidões (SARTRE 1978).

Através da fala do sujeito da pesquisa é possível inferir que sua estrutura familiar funciona na forma de um grupo organizado, onde os projetos individuais de cada sujeito não sobrepõem o desejo de ser da família. Segue algumas falas que demonstram a estrutura e o apoio familiar.

1) *“A, o primeiro neto, foi...a tipo, eles gostaram, eu acho que gostaram, não sei assim por dentro né, mais a reação que eles tiveram foi boa. Sempre me ajudaram, quando ela nasceu, dois meses, um mês, três meses, dois pra três mesezinhos que ela tinha, nos íamos para piracicaba, viajávamos bastante com eles, foi legal, foi mais fácil né, as vezes ficávamos um tempo fora, eles podiam cuidar dela.”*

2) *“Eles gostaram também, porque ela é mais velha, ela é um ano mais velha, então ela já tinha 18, mais foi um baque também, o sogro não gostava muito de mim, mais eles gostaram, nos ficamos morando lá na casa deles, eles emprestaram o quarto deles para nós, então não foi tão né, mais foi legal eles ajudaram bastante.”*

3) *“Boa, foi boa, sempre ajudaram né, as famílias se ajudavam, vinha vó, vinha parente, sempre foi boa.”*

4) *“...é bom juntar a família na dominguera, fazer um churrasco, ver todo mundo feliz, correndo, depois vai cada um pra sua casa, descansa, i é assim né.”*

É possível perceber que a família é importante para o sujeito da pesquisa, um dos fatores que parece influenciar a forte estrutura familiar é o fato da família do sujeito da pesquisa ter se mudado muito durante sua infância como pode ser observado na fala a baixo.

1) “Vixe, e agora...é porque assim, amigo de mais infância eu nunca tive, porque nos mudamos bastante...”

Pode ser inferido que, como a família do sujeito se mudava muito, o sujeito acabou focando suas relações pessoais entre os pais e os irmãos, fortalecendo os laços familiares e aumentando a influencia dos pais na sua constituição, isso pode ser observado nas seguintes falas que dizem respeito a sua educação.

1) “Não, eu tinha assim a base que eu tinha visto era o meu pai e minha mãe, sempre tiveram juntos, família estruturada, meu pai sempre estudou depois trabalhou, a mãe também estudava e trabalhava, então eu tinha essa base que eu tinha pego deles, mais não minha, meu planejamento, assim de sentar e ficar pensando.”

2) “A veio, eram três homens né, era mais assim na base de se tu não for trabalhar e estudar tu não vai ter o que comer, mais foi bom, o pai mostrou bastante demonstrando né, o pai estudava bastante, trabalhando bastante, tentando se atualizar, pegando diploma em cima de diploma, não ficava muito com nos, mais tinha o lance da mãe também, daí o pai viajava bastante, aconteceu um monte de coisa na nossa vida, tivemos que mudar pra cá mudar pra lá, mais foi como se fosse uma aula bem didática pra mim, bem demonstrativa, bem clara.”

Fica bem claro na fala do sujeito, a influencia que seus pais tiveram na sua constituição. Essa rede de apoio familiar serviu de base para que o sujeito formulasse outras elaborações a cerca da paternidade, tendo como base a sua família, analisando como os membros dessa família se relacionam entre si; é possível entender que as próximas falas do sujeito estão fortemente permeadas por essas experiências, pois todas as famílias possuem características que são próprias daquela unidade familiar (MARTINE e ANGELO, 1999)

Segundo Paula (2007) as habilidades desenvolvidas para se cuidar de um filho é construída nas experiências que o sujeito teve com figuras paternas e maternas ao longo de sua vida. Sobre o que ele acha que deveria ser os deveres de um pai o sujeito responde.

1) “Eu acho que não tem deveres e obrigações, tem o fazer por estar ali né, porque não é um dever você dar comida pra criança, ela vem ali “papai mama” então tu vai dar, não é um dever, é uma coisa que vai rolando, que vai acontecendo, e tem que fazer, tem que ir atrás, tem que ajudar, porque ficar falando mãe, mãe, mãe, não vale, daí quando nasce o cara ajuda, eu consegui mais ajudar no caso da Fulana 2, a Fulana 1 que foi a

primeira eu não ajudava muito, eu trabalhava dois períodos, e tal, daí complicava, na Ana já ficou mais dividido, como agente tava meio de folga, um dia ela cuidava a noite no outro eu cuidava, com o leitinho, porque ela nunca mamou no peito, era na mamadeira, então era uma noite ela, uma noite eu, então isso que é ser pai, ela [filha] precisava do leite, e ela [esposa] não podia dar, então eu dava a oportunidade dela [esposa] dormir, no outro dia eu dormia e ela cuidava, mais mesmo assim, no meio da noite o cara acordava, o outro acordava e ajudava com tudo, tem dias em que ela [filha] acorda de madrugada e pede pra mim a mamadeira.”

É possível perceber que o sujeito valoriza a divisão das funções do cuidado com os filhos, sem entrar nos moldes tradicionais das funções de gênero. O sujeito da pesquisa aparenta se enquadrar no que Fonseca (1997) chama de “o novo homem”, que é o homem que participa de forma ativa na criação dos filhos, e promove a divisão igualitária de funções no cuidado com as crianças, rompendo com o papel socialmente estereotipado de responsabilidades masculinas, que no caso pai seria apenas de provedor de necessidades materiais.

Corrêa (2005), Fonseca (1997) e Paula (2007) apontam que, os papéis de gênero são condicionados a princípio pela família e por outros grupos sociais ao qual ele pertence, o sujeito da pesquisa teve uma criação muito próxima da família, que era um ambiente que estimulava a construção de uma identidade de gênero com essas características, pois o gênero é mais uma das construções sociais mediada pela família.

Fonseca (1997), assim como Sartre (1978) falam sobre a possibilidade oferecida pela criação do sujeito de vivenciar esse modelo de masculinidade e paternidade dentro do seu projeto como saudável, pois a inviabilização dessa possibilidade pode causar no homem uma alienação de si mesmo, alienação de emoções, afetos e de relações de cuidado.

Associado a isso, nas próximas falas fica claro o que Sartre (1978) fala a respeito da relação com o outro, que é desestabilizadora porque demonstra a possibilidade do diferente e, dentro disso, o sujeito precisa se constituir.

As próximas duas falas dizem respeito ao motivo que o sujeito atribui ao do sucesso e do fracasso em uma relação, respectivamente.

1) “Aaa, não tem sucesso, não é sucesso, um dia desses até brigamos, não é perfeito o bagulho, as vezes da rixa mais ninguém vê, o cara não pode se xingar se estapear na frente das crianças, daí o cara faz o que, o cara faz o dia a dia, os dois trabalhando, quando tu começa a ver que sai muita faísca vai um para um quarto o outro pro outro, pensa em outra coisa, vai viajar, faz alguma coisa, é complicado, tem que ter muita

compreensão, ser flexível, adaptativo, as vezes a pessoa esta menstruada, esta naqueles dias, o cara tem que entender, tem dia que tem alguma coisa quebrando, uma prova da faculdade que não deu certo, as vezes a pessoa vai estar explosiva.”

2) “Não é fácil, pressão dos dois né, um começa a jogar nas costas do outro e acha que faz mais e que o outro faz menos, e começam a brigar, ai tem a falta do dinheiro, as vezes mora numa casa que não é sozinho, mora com 5 ou 6 pessoas, que é conjugado, daí o outro tem cachorro e começa a gritar, outro usa droga de madrugada e fica a noite toda em movimento, daí é essas coisas ai que separa, o dia a dia, hoje ninguém ta assim muito preocupado, é eu vou ver a minha opinião, ver o que eu busco e deu, se a outra pessoa já não aceita, não gosta, eles já vão separar, tem que ser flexível, tem que se adaptar, tem que ter essa coisa também de o que é família, o que agente quer o que agente busca para esse filho, tem que ser flexível dos dois lados, mais tem pressões do dia a dia que é complicado.”

Nas duas falas fica evidente o papel que o sujeito da pesquisa atribui a estrutura familiar, pode ser inferido que ele atribui a uma relação estável de compreensão, auxilio e divisão do trabalho o sucesso da relação familiar, isso se deve ao fato de que o sujeito vem de uma família onde esses valores puderam ser observados e vivenciados.

4.4 EDUCAÇÃO SEXUAL

A forma como a atual geração fala sobre a sexualidade é diferente de como a geração passada falava e por sua vez diferente de como a próxima geração vai falar.

A iniciação sexual dos adolescentes acontece cada vez mais cedo, e sem a orientação adequada sobre como utilizar os métodos anticoncepcionais, pode levar a uma gestação não planejada ou ao aborto, o que possibilita concluir que os jovens recebem muitas informações sobre sexo, mas nem sempre eles “apreendem” ou se apropriam desse conhecimento. Aliado a isso, eles não dispõem de auxílio de planejamento familiar ou assistência adequada dos serviços de saúde em relação ao sexo, a fonte de conhecimento dos adolescentes em relação a sexualidade é oriundo de colegas, amigos ou a mídia, muitas de suas informações sobre o sexo são cercadas de dúvidas, mitos e equívocos, e são essas informações que eles reproduzem nos seus ciclos de convivência e possivelmente para seus futuros filhos, o que gera um círculo vicioso de reprodução de informação (PAULA 2007).

O sujeito da pesquisa mesmo com conhecimento de métodos anticoncepcionais não fazia uso dos deles com frequência, o que acabou causando uma gravidez não planejada. Ele afirma que não teve muitas informações a respeito de sexualidade, e as informações as quais teve acesso não foram passadas com de uma forma que fizesse com que ele apreendesse. Mesmo vindo de uma estrutura familiar forte, o sujeito não demonstra uma disposição a falar com os pais sobre sexo, isso pode significar que a tabu da sexualidade exerce uma força muito grande na constituição do sujeito. Isso fica claro nas perguntas abaixo.

P: A gravidez foi planejada?

R: Planejada, não.

P: E vocês usavam preservativos nas relações?

R: As vezes sim e as vezes não.

P: E as informações que você tem sobre sexo, de onde elas vieram?

R: Hum...só na faculdade, e foi engraçado porque foi bem na época em que ela nasceu, então eu pude acompanhar, ela com a faculdade de pedagogia, que é o ensino infantil, foi bem nessa fase aí.

P: E seus pais falavam sobre sexo com você, uso de preservativos?

R: Não, não, não muito assim, falavam pouco, mais como adolescente nem ouvia direito.

P: Essa alguma coisa que você teve [se referindo a o pouco de educação sexual que o sujeito teve na escola] você lembra como era?

R: A, era coisa da camisinha, sexo, falava penis o pessoal dava risada, não era tão didático ou ramificado, porque tem que ter uma certa idade pra entender, não adianta com 7, 8 anos chegar e ver um filme pornô.

As falas do sujeito demonstram o argumento apontado por Paula (2007) de que os adolescentes tendem a iniciar sua vida sexual sem um conhecimento adequado sobre sexualidade e, por consequência, acabam se envolvendo em relações sexuais sem utilizar métodos anticoncepcionais

O sujeito da pesquisa embora tenha tido pouco contato com educação sexual durante sua juventude, veio a ter contato durante a faculdade, o que serviu para que ele reavaliasse a forma como ele ia abordar esse assunto com suas filhas

1) “Ta aí uma coisa difícil, nós já estamos preparando o terreno, ela vai perguntando o que é camisinha, como nasce, essas coisinhas, daí o cara vai esclarecendo devagarzinho, pra aí quando chegar aos 16, 17, já ta fermentada a coisa, daí o cara só

chega e da a real, na real com 10 anos ela já sabe bastante coisa, já sabe o que é sexo, qual a função do sexo, por que, por que desde os 8 anos nos já falamos alguma coisa, compra um livro que é mais apropriado pra idade dela, e vai conversando, a vó dela é muito aberta, fala sobre isso, então hoje ela já tem uma base, mais é uma base de criança, não tem a malícia, ele não menstruou ainda, a amiga dela já, daí ela já percebeu isso e perguntou, não vai ser um baque quando começar sair sangue, ela sabe que o corpo vai mudar, ela já tem uma boa base, nossa bem melhor que a nossa, e também hoje precisa de mais informação do que a gente, com 10 anos as amigas já tão falando sobre ficar, eu tive alguma coisa de educação sexual na escola.”

Essa comportamento do sujeito em relação a educação sexual das filhas vai de encontro com o proposto por Paula (2007) de que a sexualidade deve ser tratada de forma natural, pois é uma etapa no processo de desenvolvimento humano, onde esta incluído a relação com o outro, o conhecimento do corpo e construção da identidade sexual.

4.5 SERVIÇOS DE SAÚDE

Segundo a cartilha do SUS, a saúde é “um direito fundamental do ser humano, firmado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e assegurado pela Constituição Federal” (BRASIL, 2009).

Considerando o art. 196 da Constituição Federal, que garante o acesso universal e igualitário a ações e serviços para promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 2006).

Considerando a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes (BRASIL, 2006).

De acordo com essas determinações é possível perceber através da fala do sujeito quando questionado a respeito dos serviços de saúde utilizados, que existe um serviço de atendimento que contemple tanto o pai quando a mãe, levando em consideração as particularidades de cada um, oferecendo cursos e assistência de acordo com a necessidade do casal. Isso pode ser observado nas seguintes perguntas.

P: E falando sobre o sistema de saúde, o que vocês utilizaram de serviços?

R: Aaa, tudo, tudo, tudo nos usamos pelos SUS, fomos tudo pelo HU, na primeira foi menos, mais na da Fulana 2 foi muito bom, tudo pelo HU.

P: Quando vocês procuraram o SUS na primeira vez, eles deram algum suporte pra vocês?

R: Acho que tem né, tem um cursinho desses no começo e tem um cursinho mais no final, eles faziam grupos de gestantes, convidavam os pais, a maioria dos pais não vai.

P: E você foi?

R: Ela [esposa] foi, no da Fulana 2 eu não lembro, já no da Fulana 1 eu fui em todos.

P: Desses serviços que você utilizou eles falavam alguma coisa sobre o pai?

R: Sim, eles falam, porque tem o cursinho, pra aprender a fazer as coisas certas, aprender a limpar, já faz bastante tempo né.

P: E desses serviços, tu achou que eles contribuíram de alguma forma?

R: Sim, bastante, quando a Fulana 1 nasceu eles estavam implantando aquele negocio, acho que era Ângela Amim, de diminuir a mortalidade infantil, eu não tenho queixa, eles ajudaram, o hospital fez bem, me colocaram junto pra dar o primeiro banho, deu informação, como se faz isso como se faz aquilo.

P: Alguma coisa que tu sentiu falta?

R: Assim, eu acho que deveria ter mais informação e tal, por que o cara não sabe do que o neném precisa, e eu acho que deveriam colocar as vacinas tudo de graça.

A fala do sujeito vai contra a afirmação de Corrêa (2005), que diz que o sistema de saúde ainda se encontra apenas na lógica medicalocêntrica, desconsiderando a subjetividade do sujeito. Pode-se inferir que o sistema de saúde já adota a lógica apontada por Paula (2007), de que ao se inserir o adolescente pai nas ações de saúde é aumentada a possibilidade da integração e participação do mesmo nas decisões e responsabilidades dos cuidados com o filho.

No caso do sujeito da pesquisa, conforme pode ser observado por suas falas anteriores, esses serviços oferecidos pelo sistema de saúde, favorecem ações que contribuem para o sucesso da relação a dois e de paternidade, ensinando o sujeito a lidar com questões do dia a dia, como dar banho no bebê e trocar fraldas, favorecendo uma divisão das tarefas. Assim, os serviços de saúde, podem caracterizar, conforme propõe a teoria sartreana, uma mediação importante na constituição da paternidade dos sujeitos, em especial, na adolescência.

A última fala do sujeito da pesquisa vai de encontro com o que Paula (2007) fala, que a maioria dos adolescentes não possui informações a respeito da gestação e de cuidados com a criança. É possível inferir que embora o sistema de saúde esteja auxiliando esses pais oferecendo cursos e informações, é necessário remodelar o tipo de informação que é dada, pois aparentemente não está cobrindo todas as necessidades desses pais.

Segundo Levandawski (2001) é necessário fazer uma avaliação de necessidades e anseios para formular um programa que seja condizente com a realidade dos sujeitos, de forma a abordar a real percepção que esses sujeitos possuem da paternidade, favorecendo a possibilidade do sujeito dar um novo significado para a sua experiência de paternidade.

4.6 FUTURO

Sartre (1978) indica que o sujeito é ser que se lança para o futuro através de um projeto e de um desejo de ser e, pois conforme ele atua na materialidade ele transforma a si mesmo e transforma o outro, delineando possibilidades de futuro. Na fala abaixo o sujeito fala de seus planos para o futuro.

1) “Eu me aposentar, minha filha ficar feliz, ver elas casarem, eu ficar com ela [esposa], viajar as vezes, ter a casinha no campo, ter a casinha na praia, curtir legal, comprar um motorhome.”

É possível perceber a reflexão sobre um projeto de vida e a inserção do outro nesse projeto e no desejo de ser do sujeito pesquisado. O desejo de ser é que move o sujeito em nome de um ser futuro, sendo que pelo projeto ele se objetiva, e o outro é aquele que permite que ele identifique quem ele é e quais suas possibilidades. (SARTRE, 1978).

Pode se inferir que as filhas serem felizes faz parte do desejo de ser desse sujeito, e que é um dos elementos que movimenta suas preocupações cotidianas, como exposto na fala abaixo:

“1) A, ai é que ta, é o meio em que elas vão estar, junto com o que elas querem da vida, é complicado, tomara que elas necessitem pouco, pra não precisar ficar sempre atrás de mais coisa, não precisar ficar ostentando, ter uma pessoa boa do lado que fique acompanhando, que queira que elas cresçam, que ajude e alavanque o cara também, uma pessoa de hoje, uma pessoa que tenha a cabeça aberta, que saiba que elas tem que

trabalhar, que elas tem a vida dela, não fiquem só em casa, que sejam felizes né, porque elas é que vão ter a medida delas de felicidade.”

Pode-se observar na fala do sujeito que ele acredita que para suas filhas serem felizes elas devem encontrar um companheiro que compartilhe da mesma forma de pensar e agir que ele demonstra considerar o ideal para o sucesso do relacionamento, caracterizando que esse tipo de pensamento é algo da atual geração. Igualmente ele acredita que são suas filhas que devem estabelecer sua definição de felicidade, reforçando o que Sartre (1978) fala sobre a responsabilidade do sujeito sobre suas escolhas na vida.

Quando questionado sobre o que ele faria se suas filhas fossem mães adolescentes o sujeito tem a seguinte fala.

1) “É....tem que dar uma preparada, hoje ela [filha] foi falando comigo, pai sobre o que que é, como eu fui pai, quando você nasceu eu era adolescente, daí ela nossa com 17 só, é porque ela já deve ter mais um...já se vinculou mais com isso, porque ela já tem, já viu eu sendo, ela já deve ter uma idéia maior do que eu tinha por ser adolescente, porque eu tinha vontade de ter filho mais não sabia quando, isso eu não imaginava, ter filho com 17, com 20, e ela já tem mais informação, mais se rolar também, vai ter que ser que nem nossos pais né, pegar assim e ajudar, ela desde os 8 anos vê livro, ela conversa muito com ela [esposa], com a minha mãe, conversa sobre tudo, só que ela é tímida.”

É possível perceber a influencia da rede de apoio familiar nas escolhas do sujeito da pesquisa reforçando o conceito de que o sujeito reproduz os comportamentos que ele se apropriou ao longo do seu desenvolvimento. Infere-se que a escolha de apoiar sua filha como seus pais o apoiaram é feita se posicionando de forma critica no mundo, e o dialogo que ele estabelece com a filha é facilitador de reflexão e, por sua vez, de mudanças nas possibilidades de ser da filha, que tem as experiências do pai como a base a qual ela vai adicionar suas próprias experiências para se constituir como sujeito.

Segundo Delgado (2005), a unidade familiar gera uma rede de significados e valores, que não são estáticos, e sim dinâmicos, pois vão se modificando a medida que cada membro da família acrescenta suas próprias experiências. Mediante esses valores e significados o sujeito vai constituindo suas normas para viver no cotidiano, construindo, assim, o seu sentimento de pertencimento a essa unidade familiar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade e seus desdobramentos é um assunto muito rico para ser trabalhado por todos os profissionais de saúde, inclusive, é um tópico de atenção especial por parte do governo. Entretanto, como uma vez um professor disse, a sexualidade é um dos 3 grandes tabus da humanidade, sendo a morte e a loucura os outros dois, e acaba sendo de difícil articulação na hora de se planejar estratégias para se falar sobre ela.

Existe a intenção e até mesmo profissionais interessados em dar atenção para esse tópico, mas falta um diálogo maior entre os diferentes saberes e uma metodologia adequada para que se trabalhe com a questão da sexualidade, pois falar de sexualidade é necessário compreender todos os diversos elementos que se articulam e se implicam na sua construção, e é nesse ponto que a psicologia pode prestar seu maior auxílio. Entende-se que as ferramentas da psicologia capacitam o profissional da saúde a ter um olhar mais amplo justamente para esses elementos, um olhar que permite que sejam observadas as especificidades necessárias para se trabalhar com a sexualidade, um olhar sobre variáveis como, cultura, situação social, maturidade para lidar com informações, questões regionais, questões religiosas, gênero, estrutura e mitos familiares, para citar algumas.

Esse trabalho buscou focar em um dos aspectos da sexualidade, a paternidade, em específico a paternidade durante a adolescência, pois o pesquisador acredita que muito se fala sobre a maternidade na adolescência, entretanto, esse pai acaba por ficar “invisível” aos olhos das discussões sobre sexualidade.

É necessário que seja falado sobre a trajetória dessa pesquisa, pois ela lança uma luz em alguns elementos metodológicos do exercício científico, podendo servir de experiência para quando este e futuros pesquisadores forem elaborar outros projetos de pesquisa.

Sobre o contato com a UBS fica claro para o pesquisador que ela ainda opera em uma lógica voltada exclusivamente para o atendimento “biológico” da gestante, pois os prontuários não possuem informações sobre os pais, e são poucos os companheiros das gestantes que freqüentam as consultas por livre vontade. Em relação às gestantes adolescentes chama a atenção do pesquisador a relação de idade entre a gestante o pai da criança, menina de 16 o pai tinha 25, menina de 14 o pai tinha 26, outra menina de 13 o pai tinha 30, para citar alguns exemplos. Acredito que essa discrepância entre as idades, por si, já daria um interessante assunto de pesquisa.

Em relação às instituições de ensino, é importante frisar que das instituições contatadas, as públicas e menores, foram as mais receptivas e que mais auxiliaram o pesquisador a procurar sujeitos, ao ponto de irem em todas as salas de aula e também colaborando com indicações de outras instituições de ensino. As escolas públicas maiores e particulares não foram tão prestativas, algumas, inclusive, foram ríspidas em colaborar, simplesmente dizendo que não havia adolescentes pais na escola, sem nem ao menos contatarem alunos ou professores para perguntar.

As redes sociais (amigos, familiares, professores) se provam uma ferramenta valiosa para auxiliar pesquisadores a localizar sujeitos para pesquisas, pois é uma oportunidade de ampliar a sua rede de contatos, e de somar as experiências pessoais desses sujeitos com as do pesquisador, pois, muitas vezes, esses sujeitos conseguem ter uma visão diferente para algum problema que o pesquisador possa ter em relação a sua pesquisa.

Através do estudo de caso foi possível responder os objetivos de pesquisa, o sujeito forneceu dados suficientes para que fosse possível construir um quadro claro de como diferentes elementos se articularam para construir a identidade de pai desse sujeito.

O sujeito da pesquisa mostra que para ele ser pai significa estar presente na vida das filhas, participando com elas de diversas atividades, conversando sobre questões do dia a dia, promovendo nelas uma postura crítica em relação à vida, desejando que no futuro elas consigam estabelecer uma vida profissional e social que promovam um crescimento pessoal. Ainda, ser pai para esse sujeito envolve a divisão dos trabalhos de forma igualitária, pois para ele sobrecarregar o outro com questões do casal é um dos motivos que faz com que os casais não consigam ficar juntos.

É possível perceber a presença forte da estrutura familiar na vida desse sujeito, é através das experiências que ele teve com seu pai e sua mãe que ele foi se apropriando de atitudes que formaram o seu comportamento de pai, também o apoio dado pela família antes, durante e depois da gestação ajudou a fortalecer a relação com sua esposa, pois ajudou os dois a não ficarem sobrecarregados com as funções de criar uma criança, fornecendo para o casal moradia e suporte emocional enquanto ele se organizava para montar a sua vida a dois fora de casa. A atitude positiva de ambas as famílias em relação a gravidez inesperada foi outro fator importante para que o sujeito pudesse se reestruturar de forma positiva em relação a essa etapa de sua vida.

Sobre a educação sexual, a fala do sujeito demonstra que a forma em que o assunto era abordado na sua época é diferente da forma como é abordado hoje em dia, já que hoje ele tem um diálogo mais aberto com suas filhas sobre o assunto do que tinha com seus

pais. Pode se inferir que esse comportamento pode ser influencia de sua formação em pedagogia. Na sua época o assunto era tratado com uma maior “discrição”, sem haver uma possibilidade de diálogo por parte das instituições com os adolescentes, e quando havia esse dialogo não era utilizando uma linguagem que transmitisse a informação de forma eficiente para o adolescente. Hoje em dia a sexualidade, principalmente na adolescência é tratada com uma preocupação maior por parte dos sistemas de saúde, virando foco de trabalho de vários programas governamentais e algumas ONGs.

O sistema de saúde, segundo o sujeito, foi capaz de suprir a maioria de suas necessidades durante a gestação, fornecendo cursos que ensinassem a pais de primeira viagem cuidados básicos com a criança; esses programas, além de fornecer informações, convidavam os pais a participarem, realçando a importância do mesmo no desenvolvimento da criança. Esse tipo de atitude vai de encontro as bases programáticas do SUS, que diz que o sujeito deve ser contemplado em diferentes níveis de necessidade. Entretanto, o sujeito acredita que seria necessário que esses programas fornecessem mais informações aos pais, mostrando que embora tenha melhorado muito a forma como a paternidade é abordada pelo sistema de saúde ainda é necessário realizar uma verificação de demandas, para que as diferentes necessidades dos sujeitos possam ser contempladas pelos atendimentos.

Através desse trabalho, foi possível ter uma visão mais clara de como as várias variáveis da vida do sujeito se articulam em ordem de constituírem a sua subjetividade, e da importância que a família tem realizando as mediações do sujeito com o mundo durante o seu desenvolvimento. Ficou bem evidente para o pesquisador a forma como o outro estabelece os limites das possibilidades de ser para o sujeito, e que a medida que o sujeito se apropria dessas experiências e concede a elas um significado, ele está se transformando, e ao transformar a si ele transforma o mundo, pois ele vai passar para suas filhas essas experiências, as quais, assim como ele, irão dar um significado para eles e, conseqüentemente, as transmitirão para a próxima geração.

Realizar essa pesquisa foi de grande aprendizagem para o pesquisador, e mesmo as adversidades contribuíram para o crescimento pessoal do mesmo, espera-se que aqueles que leiam esse trabalho aprendam com essas experiências e possam também crescer como pesquisadores. Certa vez o pesquisador ouviu dizer que pesquisa é algo que não termina nunca, o que acontece é que você deve estabelecer um limite, o que é de veras verdade, pois ao se trabalhar com pesquisa para cada pergunta que você consegue responder outras mais surgem como futuras possibilidades de pesquisa, e como não podia deixar de ser, o mesmo aconteceu com essa; a futuros pesquisadores, seguem as sugestões.

A paternidade é um campo rico de pesquisa, meus próprios objetivos originas de pesquisa, que era verificar a percepção de múltiplos adolescentes sobre a paternidade é uma possibilidade, articulando as diferentes particularidades de cada adolescente com as variáveis que constituem a sua percepção de paternidade. A discrepância de idade entre as adolescentes gestantes atendidas pela UBS e os pais é mais uma questão que causou o interesse do pesquisador e que deveria ser investigada, identificando onde se localiza os elementos que tornam essa diferença uma questão tão comum. Outra possibilidade seria investigar a forma com que os programas que se propõem a lidar com a sexualidade desenvolveram sua metodologia pra realizar esse trabalho, para poder ver se nesse processo eles contemplaram as particularidades inerentes de cada realidade social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: lei 8.069, de 13 de julho de 1.990.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA EXECUTIVA. COORDENAÇÃO DA SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Programa saúde do adolescente**. Bases programáticas. 2.ed. Brasília, Ministério da Saúde, 1996. 32p.

BRASIL. **O SUS de A a Z**, 3ª Edição, Brasília, 2009

BRASIL, **Carta dos Direitos dos Usuários de Saúde**, 1ª Edição, 2006

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B.; **Juventude e Sexualidade**. Brasília, UNESCO Brasil, 2004.

CORRÊA, ACP, **Paternidade na Adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentaram**. 2005. 140 f. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

DELGADO, Josefa Aida. **Que é o "ser da família"?**. *Texto contexto - enferm.* [online]. 2005, vol.14, n.spe, pp. 86-94. ISSN 0104-0707.

FONSECA, JLCL. **Paternidade Adolescente: uma proposta de intervenção**. 1997. 155 f. Dissertação (Mestrado). Pontifca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas? In:_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. P. 41-57.

LEVANDOWKI, D. C., **Paternidade na adolescência: expectativas, sentimentos e a interação com o bebê**. 2001, 215 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MARIANA, M.; TEREZINHA F.C.; BERNARDO J.; **Adolescência e relações amorosas, Interação em Psicologia**, 2005, 9(1), p. 21-33

MARTIN, Viviane Barrére e ANGELO, Margareth. **A organização familiar para o cuidado dos filhos: percepção das mães em uma comunidade de baixa renda.** *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [online]. 1999, vol.7, n.4, pp. 89-95. ISSN 0104-1169.

OSORIO, L. C. **O adolescente hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1992

PAULA, E. R., **A paternidade na adolescência e seus significado entre os jovens que universitários que a vivenciaram.** 2007, 83 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Franca, São Paulo, 2007.

SARTRE, J. P. **Questão de Método.** Coleção São Paulo: Abril Cultural, 1978, Os pensadores, p. 110-191.

SARTRE, J. P. **A Transcendência do Ego seguido de Consciência de Si e Conhecimento de Si,** 1994, Coleção UNIVERSALIA, Edições Colibri, 1994

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista

- 1) Idade;
- 2) Estado civil;
- 3) Número de filhos;
- 4) Religião;
- 5) Escolaridade;
- 6) Ocupação profissional;
- 7) Salário;
- 8) Local de residência;
- 9) Com quem reside;
- 10) Como você ficou sabendo que ia ser pai;
- 11) A gravidez foi planejada;
- 12) O que você sentiu quando ficou sabendo que ia ser pai;
- 13) Como você acha que vai ser como pai;
- 14) Como era o seu pai;
- 15) O que você acha que é um pai;
- 16) Você tinha vontade de ter filhos;
- 17) Quais os seus planos para o futuro;
- 18) Você pretende ter mais filhos;
- 19) O que você acha que são as obrigações de um pai;
- 20) Como você pretende educar o seu filho;
- 21) Como era os outros pais que você conhecia;
- 22) O que seus amigos e família falam sobre você ser pai;
- 23) O que seus amigos e família falaram quando você contou que ia ser pai;
- 24) Como você acha que vai se sair como pai;
- 25) Você conhece outros pais adolescentes;
- 26) Em caso afirmativo, o que você pensou quando soube que eles iam ser pai;
- 27) Houve uso de preservativos;
- 28) Como é sua relação com a mãe do seu filho;
- 29) Você tem planos para vocês dois;
- 30) O que você acha se seu filho fosse pai adolescente.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador do RG _____, e do telefone () _____, declaro estar ciente da participação de meu filho _____ na pesquisa “Paternidade na Adolescência: A percepção dos futuros pais sobre a paternidade”, realizada pelo acadêmico Rafael dos Santos e orientada pela Profª Msc. Zuleica Pretto.

Estou ciente de que meu filho terá que disponibilizar um horário dentro do Centro Educacional Dom Jaime Câmara, para responder a entrevista realizada pelo pesquisador nas dependências da Unidade Básica de Saúde.

Fui informado(a) que durante o momento que meu filho estiver respondendo a entrevista, estará acompanhado(a) pelo acadêmico que estará disponível para retirar possíveis dúvidas.

É de minha livre e espontânea vontade autorizar que meu filho a responder a todas as perguntas feitas nesta entrevista. Este procedimento não trará prejuízo para mim nem para meu filho e será mantido o sigilo.

Fui informado(a) que as informações coletadas serão utilizadas nesta pesquisa e poderão ser utilizadas em publicações científicas.

Estou ciente de que em caso de desistência da participação da presente pesquisa, deverei entrar em contato com a pesquisadora responsável, a qualquer momento, pelo telefone (48) 9961 94 66.

_____ (SC), ____/____/____.

Assinatura

Rafael dos Santos

APÊNDICE C – Termo de Consentimento de Gravação



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Eu _____
permito que o grupo de pesquisadores relacionados abaixo obtenha fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científica educacional.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa e/ou
paciente: _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Nome dos pais ou responsáveis: _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Se o indivíduo é menor de 18 anos de idade, ou é legalmente incapaz, o consentimento

deve ser obtido e assinado por seu representante legal.

Equipe de pesquisadores:

Nomes:

Data e Local onde será realizado o
projeto:

Centro Educacional Dom Jaime Câmara

Adaptado de: Hospital de Clínicas de Porto Alegre / UFRGS

APÊNDICE D – Transcrição da Entrevista

Idade?

Agora? 28.

Estado civil?

Casado.

Numero de filhos?

Dois.

Religião?

Hum...não sou muito praticante não, mais católico.

Escolaridade?

Formado em pedagogia.

Ocupação profissional?

Sou sócio numa escola.

Média salarial?

Da uns 2.200, 2.300, depende do mês.

Reside em casa própria?

Sim.

Então, na adolescência, como você ficou sabendo que ia ser pai?

A, ela contou né, foi normal, nós começamos a namorar a um ano, um ano e maio já, daí ela veio disse que tava grávida, daí fizemos todos os exames para ver se era feto mesmo, e depois começamos.

Na hora em que ela te deu a notícia o que você pensou?

A cara...normal...assim eu já pensava em ter filho antes, ta ligado, mais foi um baque, foi forte, porque eu não pensava naquela idade, porque tava no verão aqui, tava nos ingleses né,

coisa da adolescência, correndo de um lado pro outro, mais foi legal assim, eu gostei, eu sou uma pessoa assim mais caseira.

Você estava com quantos anos?

Eu tava com 17, 17 quando ela, ela, quando eu tive ela, então eu tava no começo dos 17.

A gravidez foi planejada?

Planejada, não.

E vocês usavam preservativos nas relações?

As vezes sim e as vezes não.

O filho nasceu de uma dessas vezes não?

Sim, claro, nos estávamos na praia.

O que a sua família disse quando você deu a notícia para eles, como eles reagiram?

A, o primeiro neto, foi....a tipo, eles gostaram, eu acho que gostaram, não sei assim por dentro né, mais a reação que eles tiveram foi boa. Sempre me ajudaram, quando ela nasceu, dois meses, um mês, três meses, dois pra três mesezinhos que ela tinha, nos íamos para piracicaba, viajávamos bastante com eles, foi legal, foi mais fácil né, as vezes ficávamos um tempo fora, eles podiam cuidar dela.

E seus pais falavam sobre sexo com você, uso de preservativos?

Não, não, não muito assim, falavam pouco, mais como adolescente nem ouvia direito.

E as informações que você tem sobre sexo, de onde elas vieram?

Hum...só na faculdade, e foi engraçado porque foi bem na época em que ela nasceu, então eu pude acompanhar, ela com a faculdade de pedagogia, que é o ensino infantil, foi bem nessa fase ai.

E a família da sua esposa, como eles receberam a notícia?

Eles gostaram também, porque ela é mais velha, ela é um ano mais velha, então ela já tinha 18, mais foi um baque também, o sogro não gostava muito de mim, mais eles gostaram, nos

ficamos morando lá na casa deles, eles emprestaram o quarto deles para nós, então não foi tão né, mais foi legal eles ajudaram bastante.

Você tinha alguma noção de planejamento familiar na época?

Não, eu tinha assim a base que eu tinha visto era o meu pai e minha mãe, sempre tiveram juntos, família estruturada, meu pai sempre estudou depois trabalhou, a mãe também estudava e trabalhava, então eu tinha essa base que eu tinha pego deles, mais não minha, meu planejamento, assim de sentar e ficar pensando.

E você tem irmãos?

Tenho 3 irmãos.

Então o que você imaginava que era um pai, antes de você ser pai?

Então, eu tinha bastante noção, porque meu pai viajava bastante, assim, morava em São Paulo é ia bastante pro Rio, Concórdia, eu ficava vendo o que a mãe precisava, o que a mãe fazia e tal, pra por o que ele tirou, e nisso assim eu sempre observei bastante, sou uma pessoa bem de observar, e foi legal porque eles me deram uma bela base, muito boa base.

E hoje, tu acha que é um pai, o que é a figura do pai, deveres, obrigações?

Eu acho que não tem deveres e obrigações, tem o fazer por estar ali né, porque não é um dever você dar comida pra criança, ela vem ali “papai mama” então tu vai dar, não é um dever, é uma coisa que vai rolando, que vai acontecendo, e tem que fazer, tem que ir atrás, tem que ajudar, porque ficar falando mãe, mãe, mãe, não vale, daí quando nasce o cara ajuda, eu consegui mais ajudar no caso da Ana, a Maria que foi a primeira eu não ajudava muito, eu trabalhava dois períodos, e tal, daí complicava, na Ana já ficou mais dividido, como agente tava meio de folga, um dia ela cuidava a noite no outro eu cuidava, com o leitinho, porque ela nunca mamou no peito, era na mamadeira, então era uma noite ela, uma noite eu, então isso que é ser pai, ela [filha] precisava do leite, e ela [esposa] não podia dar, então eu dava a oportunidade dela [esposa] dormir, no outro dia eu dormia e ela cuidava, mais mesmo assim, no meio da noite o cara acordava, o outro acordava e ajudava com tudo, tem dias em que ela [filha] acorda de madrugada e pede pra mim a mamadeira.

E como foi o seu pai durante a sua criação?

Na minha? A, foi irado, o pai fez tudo, levava nós pra viajar direto, pescar, acampar, tudo, meu pai é o pai, até hoje ele ajuda, em tudo tudo tudo.

E em relação a outros pais que você conheceu, por exemplo, tios, pais de amigos, o que tu percebia de diferente?

A cara, meu pai sempre foi um pouquinho mais doidinho, sabe, de ficar mais com nois, os outros não, quando ele podia né, ele trabalhava bastante na EMBRACO, mais eu via, tipo o pai do outro Marcelo era mais brabo, que ele não podia varias coisas, que ele ficava em casa, foi isso que eu senti, nosso pai era um pouco mais solto, mais sossegado, não era esportista, não tinha aquela coisa de agora eu sou esportista meu filho vai ter que ser esportista, eu fui medico tu vai ter que ser medico, ele ia dando as idéias, jogando os parâmetros, os bom e os ruim, daí o cara foi escolhendo.

E os teus amigos, quando descobriram que você ia ser pai novo, como eles reagiram?

Vixe, e agora...é porque assim, amigo de mais infância eu nunca tive, porque nos mudamos bastante, mais daqui, uns falavam bem, uns falavam ruim, tinha uns que já eram, outros que não eram, outros estavam pra ser, eu nem tinha muito amigo direito, alguns diziam “ai que mau que você vai ser pai, casou, ta preso”, os mais velhos diziam “que bom, vai fazer uma família”, mais as coisas que meus amigos falavam não me influenciaram muito, eu sabia que eles eram novos e tal, era coisa que eu não ligava.

Você teve contato com algum outro homem que foi pai adolescente?

Meus amigos tem vários que foram, la pelos 19, 18, a irmã dela foi mãe com 13 anos, contato tipo assim, aquele amigo que com tantos anos foi pai, e nos convivemos pra ver como ele foi pai não, como nós temos duas filhas, trabalho, não saímos muito, tem que mudar alguns amigos, agente não convive muito na casa de um pra ver a convivência, e a maioria separa, acho que na adolescência, quem teve não ta junto,

Porque você acha que alguns casais quando tem o filho assim cedo acabam separando?

A, pressão né.

Pressão de quem?

Não é fácil, pressão dos dois né, um começa a jogar nas costas do outro e acha que faz mais e que o outro faz menos, e começam a brigar, ai tem a falta do dinheiro, as vezes mora numa casa que não é sozinho, mora com 5 ou 6 pessoas, que é conjugado, daí o outro tem cachorro e começa a gritar, outro usa droga de madrugada e fica a noite toda em movimento, daí é essas coisas ai que separa, o dia a dia, hoje ninguém ta assim muito preocupado, é eu vou ver a minha opinião, ver o que eu busco e deu, se a outra pessoa já não aceita, não gosta, eles já vão separar, tem que ser flexível, tem que se adaptar, tem que ter essa coisa também de o que é família, o que agente quer o que agente busca para esse filho, tem que ser flexível dos dois lados, mais tem pressões do dia a dia que é complicado.

E ao que você atribui o sucesso do seu casamento?

Aaa, não tem sucesso, não é sucesso, um dia desses até brigamos, não é perfeito o bagulho, as vezes da rixa mais ninguém vê, o cara não pode se xingar se estapear na frente das crianças, daí o cara faz o que, o cara faz o dia a dia, os dois trabalhando, quando tu começa a ver que sai muita fãisca vai um para um quarto o outro pro outro, pensa em outra coisa, vai viajar, faz alguma coisa, é complicado, tem que ter muita compreensão, ser flexível, adaptativo, as vezes a pessoa esta menstruada, esta naqueles dias, o cara tem que entender, tem dia que tem alguma coisa quebrando, uma prova da faculdade que não deu certo, as vezes a pessoa vai estar explosiva.

E você pretendia der quantos filhos antes de descobrir que tu ia ser pai, como é que você imaginava que ia ser a tua vida no dia em que você tivesse um filho?

Eu sempre gostei, eu sempre quis ter filho quando eu era novo, eu sempre pensava, acho que se deve muito por causa da minha mãe, como ela tratava nós assim, e cara por incrível que pareça acho que foi dois, foi legal, ta ai uma coisa em que eu sempre pensei foi em ter filho.

Você tem duas meninas né?

Isso, duas meninas, e eu comentei com ela [esposa] já sobre isso, que aos 10 anos eu já pensava em ter uma menina, daí no segundo filho, nos não sabíamos o sexo, e eu falava espero que venha um menino porque menina é muito capeta.

E como você acha que reagiria se a sua filha fosse mãe adolescente?

É....tem que dar uma preparada, hoje ela [filha] foi falando comigo, pai sobre o que que é, como eu fui pai, quando você nasceu eu era adolescente, daí ela nossa com 17 só, é porque ela já deve ter mais um...ja se vinculou mais com isso, porque ela já tem, já viu eu sendo, ela já deve ter uma idéia maior do que eu tinha por ser adolescente, porque eu tinha vontade de ter filho mais não sabia quando, isso eu não imaginava, ter filho com 17, com 20, e ela já tem mais informação, mais se rolar também, vai ter que ser que nem nossos pais né, pegar assim e ajudar, ela desde os 8 anos vê livro, ela conversa muito com ela [esposa], com a minha mãe, conversa sobre tudo, só que ela é tímida.

Teu pai ou a tua mãe chegaram a ter aquele conversa com você, tipo senta aqui que agora você vai ser pai?

Não, sentaram assim, mais não formal, conversavam um monte sobre como era.

E como foi a participação da família durante a gestação?

Boa, foi boa, sempre ajudaram né, as famílias se ajudavam, vinha vó, vinha parente, sempre foi boa.

E falando sobre o sistema de saúde, o que vocês utilizaram de serviços?

Aaa, tudo, tudo, tudo nos usamos pelos SUS, fomos tudo pelo HU, na primeira foi menos, mais na da Ana foi muito bom, tudo pelo HU.

Quando vocês procuraram o SUS na primeira vez, eles deram algum suporte pra vocês?

Acho que tem né, tem um cursinho desses no começo e tem um cursinho mais no final, eles faziam grupos de gestantes, convidavam os pais, a maioria dos pais não vai.

E você foi?

Ela [esposa] foi, no da Maria eu não lembro, já no da Ana eu fui em todos.

Desses serviços que você utilizou eles falavam alguma coisa sobre o pai?

Sim, eles falam, porque tem o cursinho, pra aprender a fazer as coisas certas, aprender a limpar, já faz bastante tempo né.

E desses serviços, tu achou que eles contribuíram de alguma forma?

Sim, bastante, quando a Maria nasceu eles estavam implantando aquele negocio, acho que era Ângela Amim, de diminuir a mortalidade infantil, eu não tenho queixa, eles ajudaram, o hospital fez bem, me colocaram junto pra dar o primeiro banho, deu informação, como se faz isso como se faz aquilo.

Tem alguma coisa que você acha que eles poderiam acrescentar, ou fazer melhor?

A deve ter bastante.

Alguma coisa que tu sentiu falta?

Assim, eu acho que deveria ter mais informação e tal, por que o cara não sabe do que o neném precisa, e eu acho que deveriam colocar as vacinas tudo de graça.

Como que foi o memento do parto pra ti?

O primeiro, o primeiro foi brabo, viagem né, assim uma coisa bem doida, vem uma onda de choque, não tem como o cara explicar, eu quase desmaiei, ela me apertou tanto, na segunda não, na segunda eu já vi tudo, enfiei a cabeça na la, já falava com o médico, mais na primeira eu fiquei bem chocado.

Tu consegue lembrar o que você pensou a primeira vez que tu pegou a tua filha na mão?

Eu queria que ela fosse feliz, foi isso que eu pensei a primeira vez, e depois como que pode nascer um negocinho daquele ali né velho, ela era um bagulhinho roxinho ali, foi bom.

Em relação a educação que você esta dando para os seus filhos, o que você esta fazendo diferente de como você foi educado?

Muito pouco, muito pouco, eu tendo seguir bastante a pedagogia, que eu aprendi bastante, com a pedagogia eu já aprendi assim o negocio do não, coisas assim, mais eu vou muito na base da minha mãe, fui muito criado com a minha mãe, quando ela pede as coisas, a pai vamos viajar, vamos acampar ou sei la, é que também tem muitos lados, essa pergunta tem muita ramificação, por exemplo, bebida, ela chega, a pai o que é isso aqui, é cerveja, o cara tem que explicar e tal que é para adulto, a mesma coisa que o pai fez, a mãe fez, no caso de outras coisas mais liberal, eu sou mais liberal, claro por causa dessa época que nos tamo, mais no mais eu brinca bastante com ela, converso bastante, ela me conta bastante coisa, levo na

capoeira, balé, já se apresentou no TAC, o cara ta sempre presente, sempre presente, não tem nada que eu faltei, dia dos pais.

E como os teus pais passaram pra você questão de deveres, obrigações?

A veio, eram três homens né, era mais assim na base de se tu não for trabalhar e estudar tu não vai ter o que comer, mais foi bom, o pai mostrou bastante demonstrando né, o pai estudava bastante, trabalhando bastante, tentando se atualizar, pegando diploma em cima de diploma, não ficava muito com nos, mais tinha o lance da mãe também, daí o pai viajava bastante, aconteceu um monte de coisa na nossa vida, tivemos que mudar pra cá mudar pra lá, mais foi como se fosse uma aula bem didática pra mim, bem demonstrativa, bem clara.

E como é que tu passa isso para as tuas filhas, essa parte de educação, estudar, obrigação?

Essa parte eu não vi muito o meu pai fazer, quem fazia era minha mãe, então eu não tive muito apoio nessa parte de refletir, entende-se, eu pego no pé, tem que tirar nota boa, tem que estudar, tem que entender, eu viajei bastante com ela, então falo que ela tem que lembrar de tal lugar na geografia, essas coisinhas assim, mais eu não sou de chegar e ficar todo dia com ela, essas coisas eu não faço, não sou um pai bem rígido, eu não consigo, essa é mais a parte da mãe, a mãe consegue, eu sou muito nervoso assim quando vou estudar com ela.

E você pretende ter mais filhos?

Não, agora já to com dois, fecho a fabrica, dois ta legal, para o cara curtir, curtir legal.

Quais são os seus planos para o futuro?

Eu me aposentar, minha filha ficar feliz, ver elas casarem, eu ficar com ela [esposa], viajar as vezes, ter a casinha no campo, ter a casinha na praia, curtir legal, comprar um motorhome.

Tu já falou algumas vezes sobre elas serem felizes, o que você acha que é preciso pra elas serem felizes?

A, ai é que ta, é o meio em que elas vão estar, junto com o que elas querem da vida, é complicado, tomara que elas necessitem pouco, pra não precisar ficar sempre atrás de mais coisa, não precisar ficar ostentando, ter uma pessoa boa do lado que fique acompanhando, que queira que elas cresçam, que ajude e alavanque o cara também, uma pessoa de hoje, uma pessoa que tenha a cabeça aberta, que saiba que elas tem que trabalhar, que elas tem a vida

dela, não fiquem só em casa, que sejam felizes né, porque elas é que vão ter a medida delas de felicidade.

Se você tivesse que falar para outros adolescente que são pais o que você poderia dizer para eles?

Calma, porque ali ta uma das coisas mais importantes né, daí se tu tiver junto, se tu der uma boa estrutura para ela, no futuro ela vai dar uma boa estrutura para o teu neto, daí tu vai indo, e é bom juntar a família na dominguera, fazer um churrasco, ver todo mundo feliz, correndo, depois vai cada um pra sua casa, descança, i é assim né.

Tu tem uma família grande?

Eu não muito, eles são mais espalhados, ela tem bastante, é cheio, e todo mundo mora aqui pelos ingleses.

E é uma família muito unida?

É, bem unida, a dela também é bem unida.

E os teus irmãos, já são pais?

Um sim, o outro não, uma já tem dois filhos.

E esse irmão esta com quantos anos?

33 acho, ele é um modelo 77.

Ele foi pai antes ou depois de ti?

Depois.

E quando ele descobriu que ia ser pai, vocês conversaram sobre isso?

A eu dava umas idéias pra ele, é diferente porque cada caso é um caso, mais eu dei uma basezinha pra ele, e ele via também bastante, ele e o outro pequeno, mais nunca de sentar e conversar.

Você me falou que não teve informações sobre sexo, como você pretende falar sobre isso com as suas filhas?

Ta ai uma coisa difícil, nós já estamos preparando o terreno, ela vai perguntando o que é camisinha, como nasce, essas coisinhas, daí o cara vai esclarecendo devagarzinho, pra ai quando chegar aos 16, 17, já ta fermentada a coisa, daí o cara só chega e da a real, na real com 10 anos ela já sabe bastante coisa, já sabe o que é sexo, qual a função do sexo, por que, por que desde os 8 anos nos já falamos alguma coisa, compra um livro que é mais apropriado pra idade dela, e vai conversando, a vó dela é muito aberta, fala sobre isso, então hoje ela já tem uma base, mais é uma base de criança, não tem a malícia, ele não menstruou ainda, a amiga dela já, daí ela já percebeu isso e perguntou, não vai ser um baque quando começar sair sangue, ela sabe que o corpo vai mudar, ela já tem uma boa base, nossa bem melhor que a nossa, e também hoje precisa de mais informação do que a gente, com 10 anos as amigas já tão falando sobre ficar, eu tive alguma coisa de educação sexual na escola.

Essa alguma coisa que você teve você lembra como era?

A, era coisa da camisinha, sexo, falava penis o pessoal dava risada, não era tão didático ou ramificado, porque tem que ter uma certa idade pra entender, não adianta com 7, 8 anos chegar e ver um filme pornô.

Tu lembra em que série que foi?

Não lembro, mais foi no primeiro grau, no segundo grau eu tinha a Maria já.

O que teve de diferente na forma que tu lidou com a segunda gravidez em relação a primeira?

As duas gravidez foi normal, o que deu de diferente foi o sangramento, também agente já tava preparado, na primeira não tinha berço não tinha casa não tinha nada.

Na primeira gravidez, tu lembra quais eram as tuas expectativas, medos, insegurança?

Medo de dar alguma coisa errada né, alguma doença, dar alguma coisa, não nascer bem né, que ela crescesse bem, que tudo que ela precisasse eu pudesse dar, e mais coisa de doença. Eu era muito nova pra pensar nas coisas que penso hoje, não sabia como ia ser o dinheiro, se eu ia ficar com ela [esposa], como ia ser as coisas.

Bem, é isso, obrigado pela entrevista.